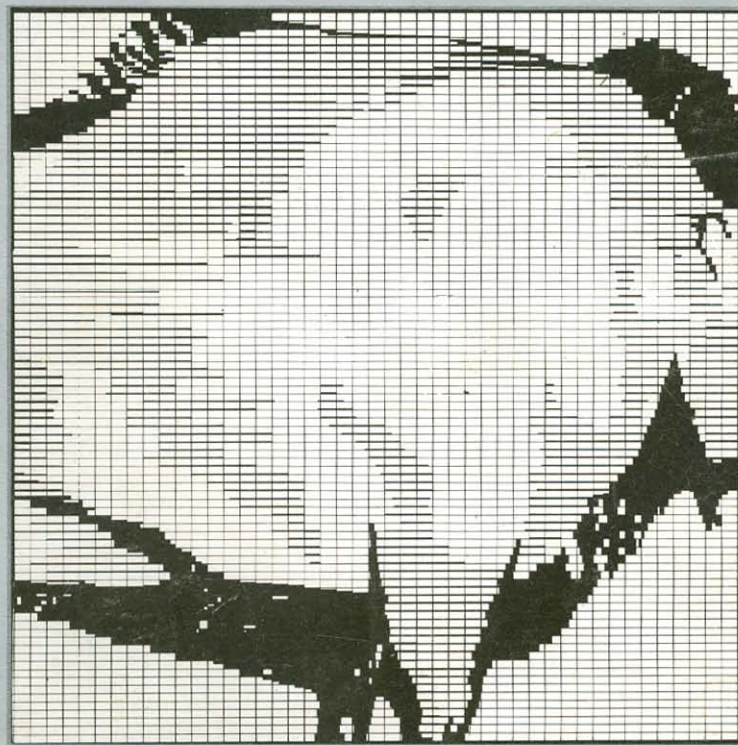
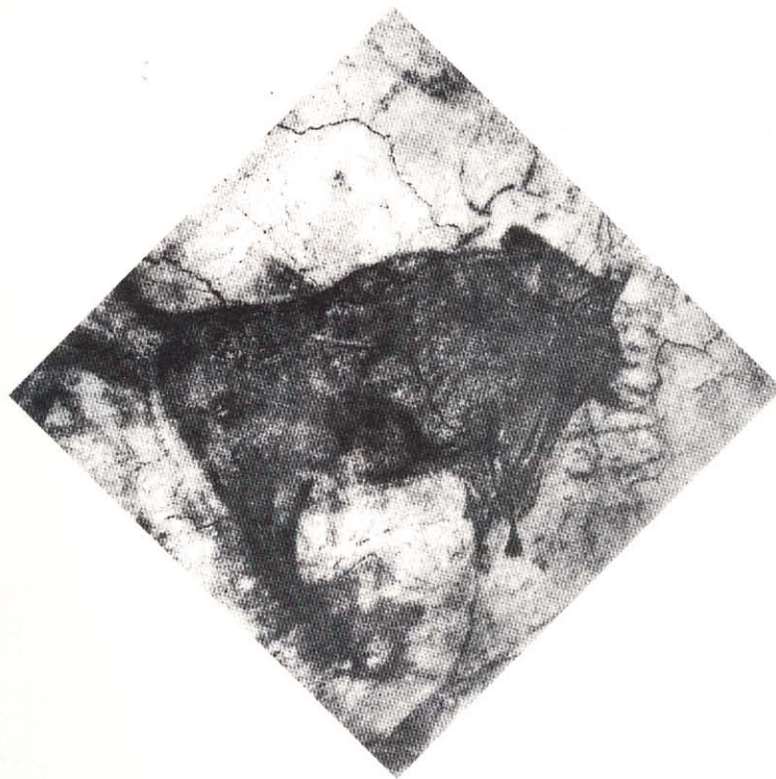


13º SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE CAMPINAS



MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA "JOSÉ PANCETTI"
CAMPINAS • SÃO PAULO



"GRANDE BISONTE"
GRUTA DE ALTAMIRA, ESPANHA
PINTURA PRÉ-HISTÓRICA



13º SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE CAMPINAS

**"SIMBOLOGIAS E ALTERNÂNCIAS:
MOMENTOS OCUPACIONAIS DA EXPRESSÃO PLÁSTICA"**



**MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA "JOSÉ PANCETTI"
CAMPINAS - SÃO PAULO**

23 DE ABRIL • 25 DE JUNHO. 1988

Dr. José Roberto Magalhães Teixeira

Prefeito Municipal de Campinas

Dr. Antonio Augusto Arantes Neto

Secretário Municipal de Cultura

Prof. Ezequiel Theodoro da Silva

Diretor de Cultura

Curadoria do 13º Salão de Arte Contemporânea de Campinas :

Alberto Beuttenmüller

Clélia Berenice Corrêa Pimentel

José Joaquin Lunazzi

Júlio Plaza

Marcos Rizolli

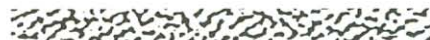
Paulo de Tarso Cheida Sans

Projeto

Patrocinado pela Lei 7505

O 13º Salão de Arte Contemporânea de Campinas demonstra, na prática, os resultados que podem ser obtidos através de um trabalho de participação e da comunhão de esforços. Temos a certeza de que esse trabalho é um importante marco para a reflexão e atualização das linguagens das artes plásticas no Brasil. Aos organizadores, colaboradores e artistas, fica o nosso mais profundo reconhecimento.

José Roberto Magalhães Teixeira
Prefeito Municipal de Campinas



O Museu de Arte Contemporânea "José Pancetti" (MACC), órgão da Secretaria Municipal de Cultura, vem dando uma significativa contribuição ao desenvolvimento das artes plásticas no Brasil. Isoladamente e/ou com a colaboração de curadores gabaritados, o MACC idealiza e executa projetos do mais alto reconhecimento nacional, permitindo uma reflexão concreta sobre os novos rumos da produção artística. Com este XIII Salão de Arte Contemporânea, o MACC se insere no centro do entrecruzamento da comunicação e da alta tecnologia, de que resultam as linguagens que são próprias deste final do Século XX. Resultará desse trajeto de trabalho - temos a certeza - um número maior de possibilidades para o fazer artístico brasileiro, que solicita a incorporação de novas linguagens para o pleno adentramento na revolução da eletrônica.

Antonio Augusto Arantes Neto

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE CULTURA



Ao optarmos pela reformulação da linha condutora convencional (na maioria das vezes adotada quando da realização dos Salões de Arte), pensamos, primeiramente, em criar um espaço para que a nossa sociedade tivesse oportunidade de identificar as transformações que a evolução dessa era espacial vem emprestando às manifestações artísticas e, num segundo momento, fortalecer a realização, imprimindo-lhe maior credibilidade em termos de valor, descoberta, ascensão e assentamento dos artistas cuja qualidade merece o destaque referenciado a aqueles, cujos espaços conquistados, ocupam já, posição de relevância no mundo das artes.

Sabíamos das dificuldades que enfrentaríamos, face às alterações que nos propusemos estabelecer ao evento, mas chegamos à conclusão que o mais correto seria tentar na intenção de acertar.

Numa breve retomada, vale a lembrança de que, em todos os tempos, a técnica tem representado o papel de modificadora do ambiente. As sociedades do neolítico, da idade do bronze, do ferro e a industrialização, nos mostram com clareza a evolução humana. O homem, acumulando informação e conhecimento, aumentou seu poder de criação e sua capacidade de reflexão, o que o levou à formulação de novas concepções.

Estamos agora vivendo o fim de um século marcado pela revolução das tecnologias de informação, que gradativamente vem alterando as condições do saber e tocando diretamente o espírito criativo e expressivo do homem, face às suas necessidades imediatas e futuras.

Buscamos, assim, um trajeto objetivo, que desse à mostra a dimensão do desenvolvimento das novas tecnologias como recursos para a ampliação dos limites da obra criativa, abrindo, ao artista, a nova e instigante fronteira da informação visual.

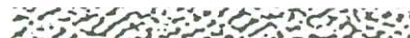
Para a assimilação desse trajeto, segmentamos a produção plástica contemporânea em áreas de apresentação que, para uma melhor leitura, se inicia com a denominação "Linguagens Contemporâneas" e sequencialmente caminha rumo ao futuro, passando pela xerox - off-set - heliografia, pela holografia - raio laser, pela

vídeo-arte e os meios eletrônicos, com o vídeo-texto - telecomunicação - arte por computador - fotografia e "computer graphics".

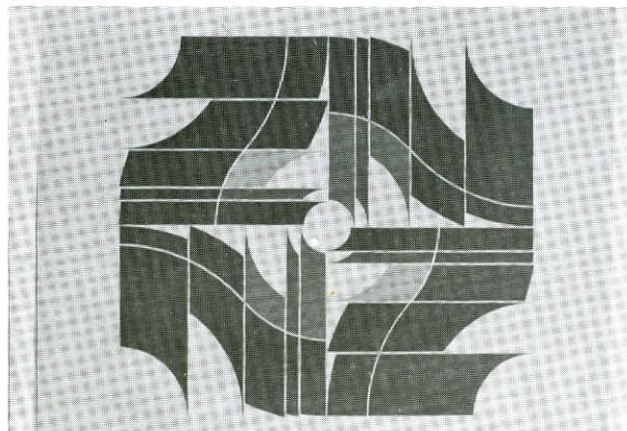
A fim de que conseguíssemos os nossos objetivos, foi imprescindível o trabalho de cinco curadorias que, atuando em áreas específicas, garantiram a efetivação deste projeto, o 13º Salão de Arte Contemporânea de Campinas. Todas essas áreas estão descritas e justificadas, nas páginas que se seguem, pelo curador de cada uma delas. Vale ainda dizer que foi com certa timidez que nos atiramos nesta aventura e o fizemos na certeza de estar contribuindo para uma melhor reflexão sobre o momento artístico atual, cujo terreno, até certo ponto desconhecido da maioria, mostra-nos os inesgotáveis e ainda tão inexplorados recursos que ao artista criador empresta a tecnologia, obra da inteligência humana, enquanto criatura e criador.

Clélia Berenice Corrêa Pimentel

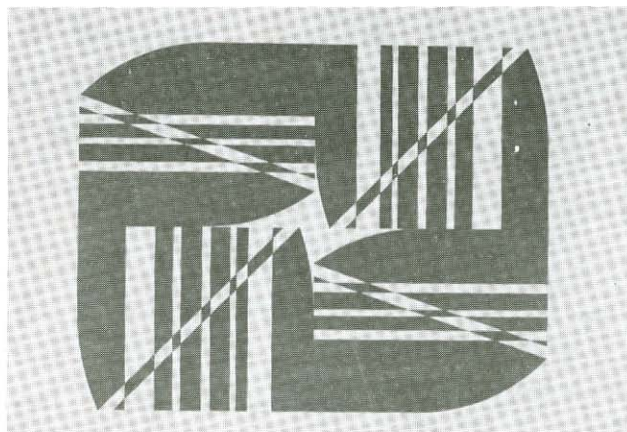
COORDENADORA DO MACC



HOMENAGEM



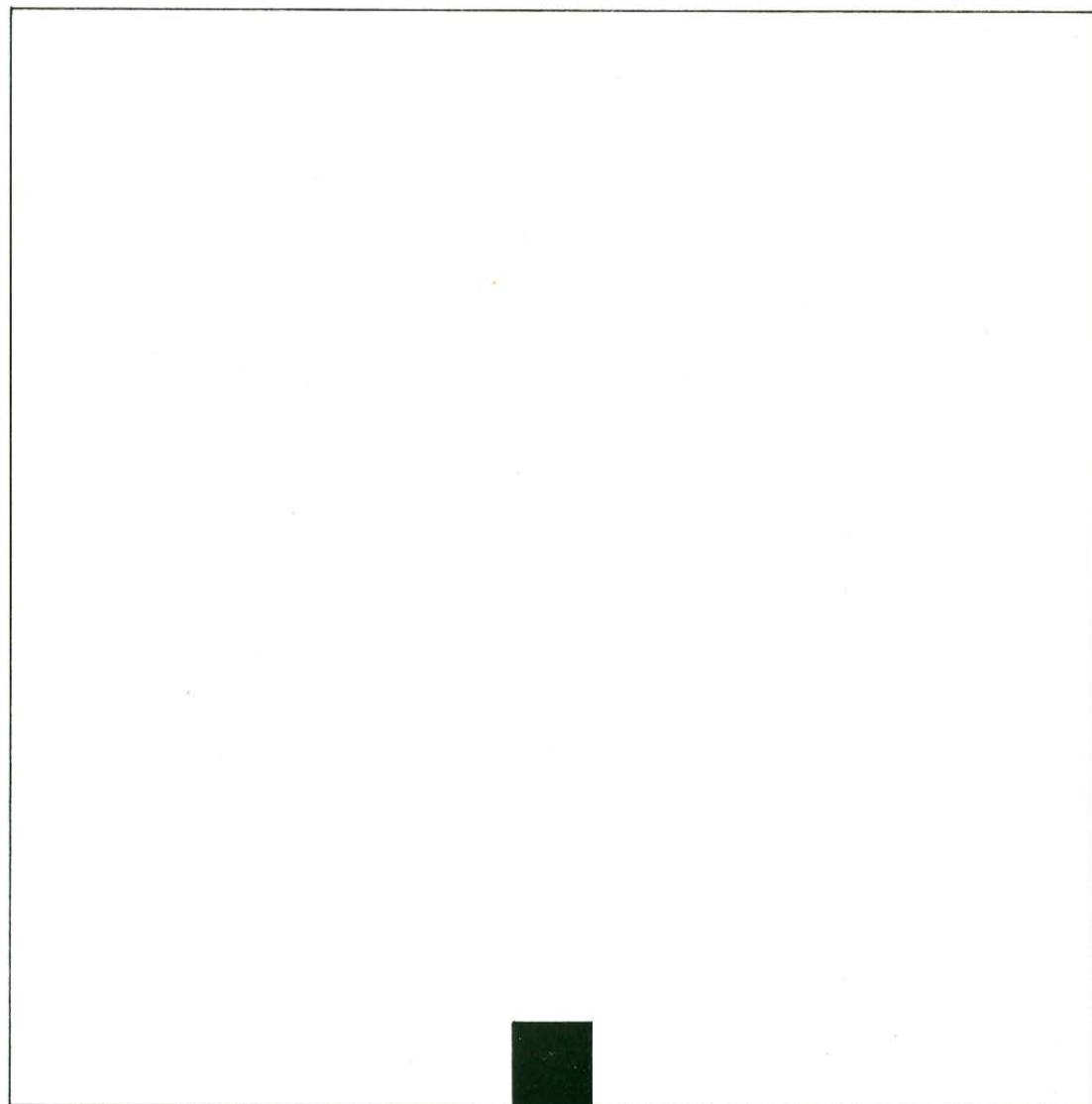
HÉLIO OITICICA
"Piercina 3" - Metaesquema
Guache s/ cartão



HÉLIO OITICICA
"Lá e Cá 10" - Metaesquema
Guache s/ cartão

O MACC - Museu de Arte Contemporânea de Campinas "José Pancetti" vale-se da realização do 13º Salão de Arte Contemporânea para homenagear o artista Hélio Oiticica, considerado um dos pioneiros da nossa contemporaneidade.

~~XX~~



A

idéia de realizar o 13º Salão de Arte Contemporânea de Campinas em moldes cada vez mais atualizados, mostrando ao público novos meios, atualizando-o em linguagem e técnica, partiu da própria direção do MACC e da Secretaria de Cultura de Campinas. Convidado para ser curador do setor de linguagem contemporânea em técnicas tradicionais - instalações, pintura,

desenho, gravura etc. - optei por realizar uma visão de artistas descendentes da antiga celeuma entre Concretos e Neo-Concretos, polêmica esta havida no final dos anos 50 e início dos 60. Com essa finalidade, procurei mesclar artistas já consagrados em seu experimentalismo com novos experimentadores da linguagem visual contemporânea. O MACC possui espaço físico limitado, daí ser impossível colocarmos todos os talentos de quase duas gerações de artistas. A solução foi escolher experimentadores, que representassem tendências, segundo suas preocupações plástico-visuais. Assim, por exemplo, um artista representando a escultura conceitual, um outro preocupado com novos suportes e materiais, outro ainda com soluções espaciais, etc. Além disso, mesclamos artistas veteranos com jovens valores, para melhor pesarmos o fluir da história da arte contemporânea nacional. Evitamos, ainda, a participação daqueles artistas deflagradores das correntes concreta e neo-concreta, uma vez que tais criadores já fazem parte da História da Arte Brasileira e o 13º Salão do MACC não tem objetivos de realizar retrospectivas. Ao contrário, estamos interessados nos descendentes daquelas duas importantes correntes, sejam eles diretos ou não. Apesar disso, homenageando os precursores de nossa contemporaneidade, escolhemos um dos mais importantes artistas brasileiros emergente do neo-concretismo - Hélio Oiticica.

Neto de um estudioso em Linguística e anarquista por convicção, filho de um fotógrafo, apaixonado por insetos (entomologista), a origem de Hélio Oiticica já previa suas características futuras de um construtor de signos, em um determinado momento, para, no momento seguinte, desconstruí-los, causando surpresas no olho do fruidor, sempre dentro do seu conceito: a regra e o desregramento, ao mesmo tempo. Por isso sua obra, construída em vinte e cinco anos de trabalho, tempo curto em obra densa, chocou tanto aos cultores da rigidez concretista quanto sensibilizou os adeptos do neo-concreto. Havia em seu trabalho o caos construído: se os Metaesquemas eram rígidas demonstrações concretas da Escola de Ulm, sua arte corporal era o inverso disso, como é o caso dos "Parangolés", espécie de estardartes de vestir, que buscam uma integração entre o visual da pintura com a dinâmica da dança, inaugurados pela Mangueira, onde Hélio era passista.

Queremos ressaltar, porém, que a homenagem a Hélio Oiticica não é póstuma. Oiticica é dos artistas que mais vivo permanece quanto mais o tempo passa. A experiência-limite, chegar ao fundo do poço, foi seu objetivo maior. Por isso, passou da arte retiniana, feita só para o olho, à arte ambiental dos "Penetráveis". Não admitia a burocracia artística, quando o artista se contenta em repetir gestos e signos, servindo, de imediato, ao mercado de arte. Hélio Oiticica e Lygia Clark são, sem dúvida, os dois artistas que, sem muita teorização, mas pacientemente, criaram e instauraram o pós-modernismo entre nós. Cremos que assim o artista-símbolo do 13º Salão do MACC está em perfeita sintonia com as novas preocupações desse museu e da Secretaria de Cultura de Campinas de colocar a cidade e seu povo diante das novas e surpreendentes conquistas da arte brasileira.

ARTE CONCRETA X NEOCONCRETA - Para melhor aquilatarmos o 13º Salão de Campinas em seu todo, flagrando em suas obras os continuadores desses dois movimentos importantes para o pós-modernismo nacional - de um lado o concretismo e o neoconcretismo, do outro, será necessário fazermos um breve histórico. Tudo começou com o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, e a posse de Juscelino Kubitschek, em 1956. Entre um fato e o outro o país ficou órfão. As artes visuais, naquele momento, caíram no vazio da expectativa e da esperança. O Brasil muda sua economia; antes essencialmente agrícola, naquele momento tornando-se industrial. Justamente em 1956 o setor industrial suplanta pela primeira vez o antigo predomínio agrícola. Nas artes visuais acontece, em dezembro de 56, a I Exposição Nacional de Arte Concreta, no MAM de São Paulo, sendo seguida, em fevereiro de 57, de outra mostra no Ministério de Educação e Cultura do Rio. A Era JK, como se dizia, nascida sob a égide dos "50 anos em 5", tornou o Brasil pleno de entusiasmo e otimismo: indústria automobilística, inauguração de Brasília, incremento à produção de petróleo, abertura de estradas. O salto econômico é terra fértil para a germinação de novas idéias também no campo das artes. Esse impulso reforçou o florescer de uma nova postura estética, como era o caso do Concretismo, que se alimentava, justamente, daquela síndrome progressista: o rigor matemático nos projetos, a nova paixão artística pela complexidade das operações cibernéticas, mesmo que à custa da impessoalidade do **design** industrial, que lhe era subjacente. Não foi à toa que São Paulo - "o maior polo industrial da América Latina" - seria a sede do Concretismo. O grupo de poetas concretistas - Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari, a "santíssima trindade da poesia concreta", que afirmava: "criar problemas exatos e resolvê-los em termos de linguagem sensível". Procuravam atuar com "a moeda concreta da fala", como dizia Edward Sapir, o pai da lingüística sincrônica e funcional. Eram tempos utópicos.

A euforia desenvolvimentista da Era JK tinha no Rio de Janeiro um polo importante: o Suplemento Dominicaz' do JORNAL DO BRASIL, com atuação marcante de junho de 1956 a dezembro de 1961, sob a direção do poeta Mário Faustino, autor de um livro de poemas, editado postumamente - "O Homem e sua Hora", um dos mais importantes de sua época. Amilcar de Castro, o grande escultor nacional, foi o responsável pela paginação moderna do Suplemento e do JB.

Em oposição ao Suplemento Dominical, mas com aparecimento anterior de um mês, o quinzenário "Para Todos", dirigido por Jorge Amado, no Rio, tinha peso semelhante. Defendia um nacionalismo dogmático e propunha um realismo ultrapassado. Na mesma época (1956), Mário Gruber tentava um último esforço em defesa do realismo, coordenando a mostra "Contribuição ao Realismo", em São Paulo, última e vã tentativa para deter o avanço do abstracionismo geral e do Concretismo, em particular. Havia uma luta surda entre a abstração, o concretismo, o informalismo, o expressionismo abstrato e a tendência recente do tachismo. Se a "Semana de Arte Moderna" de 1922 imanou paulistas e cariocas, o mesmo não aconteceria na instauração do Concretismo entre nós. Na exposição de 1957 já se percebia diferenças entre o concretismo à paulista e à carioca. O poeta e crítico Ferreira Gullar, teórico maior do neoconcretismo, percebeu com clareza as duas fontes divergentes entre os concretos e neoconcretos. Dizia o poeta: "Não é por acaso que o movimento neoconcreto, nascido no Brasil como uma reação ao concretismo racionalista de formas estritamente óticas, reaproxima-se da vanguarda russa, particularmente das experiências de Malevitch e daquele aspecto que se define pela procura de um novo objeto para a pintura. O concretismo brasileiro, derivado de Ulm, levou a conseqüências extremas a tendência ótica introduzida na Alemanha e na Suíça por Lissitzky. O neoconcretismo, reagindo a essa especialização da visão, recoloca o problema posto por Malevitch e reata o caminho interrompido. Malevitch era a mola propulsora do neoconcretismo, notadamente por suas tentativas de eliminar o objeto ou retirar/toda a representação de um objeto dado. No seu famoso quadro - "Branco sobre Branco", de 1918, não conseguiu contudo eliminar o primeiro branco, caindo assim em sua própria armadilha. Os neoconcretos resolveram o problema da figura/fundo ao considerar o próprio quadro como objeto material. O fundo passava a ser o mundo, na equação de Gullar.

Concretos e Neoconcretos hoje - A intenção de convidar artistas que, de uma forma ou de outra, são resultantes da polêmica entre concretos e neoconcretos, inclusive aqueles, como é o caso de Sérgio Lima, que se encontra equidistante da celeuma, por sua

posição, digamos, neosurrealista, foi intencional. Não podemos nos esquecer que o símbolo do 13º Salão de Campinas é Hélio Oiticica, cada vez mais vivo por sua delirante criatividade.

Nesse raciocínio, percebe-se, por exemplo, a grande contribuição do MAMRio, por seus inúmeros cursos, inclusive um famoso, em 1959, ministrado por John Friedlander que, em Paris, já fizera o mesmo, tendo como alunos Edith Behring, Arthur Luiz Piza e Sérvulo Esmeraldo. Mais tarde, no MAM-Rio, ganha mais uma aluna - Anna Bella Geiger. A gravura brasileira atualizou-se com Friedlander, no Rio, e Axl Lekotchek, em São Paulo. Sérvulo Esmeraldo e Anna Bella Geiger possuem, pois, um ponto em comum: tiveram o mesmo mestre de gravura em metal.

Sérvulo passou da disciplina da gravura para o rigor construtivo de suas esculturas atuais. Na gravura pendia para o expressionismo informal. O percurso deste artista, cearense de Crato, tem praticamente esses dois polos.

Sérvulo é um "out-sider" na parte brasileira, pois mudou-se para Paris em 1957, retornando ao país apenas em meados dos anos 70, fixando-se em Fortaleza. Por isso, o seu "concretismo" não nasceu da polêmica entre concretos e neoconcretos, mas de sua vivência européia. Por outro lado, Anna Bella Geiger fixa-se, então, entre o informalismo e a geometria, desde suas gravuras em metal. Depois, em 1965 dirigiu-se para formas orgânicas, sempre buscando a relação entre o centro e a periferia de seus temas: o corpo humano foi dissecado pela artista, chegando ao humor da série "Limpeza do Ouvido com cotonete". Depois disso, entre 71 e 72 as imagens cresceram, transformando-se em um conflito-de um lado a precisão geográfica, de outro o desvio mental na obra. Abandona a gravura pela multimídia: fotocópias, cartões-postais, fotolinguagem e **video-tape**. Sua preocupação ainda hoje é a de encarar, criticamente, as relações entre a cultura hegemônica e a cultura de periferia, além de descortinar os mecanismos secretos que põem em confronto e em conflito o centro das coisas e seus limites, o todo e suas partes. A partir de 1985 emergiu sua pintura, solta e medida a um só tempo, compacta e luminosa, que oculta para revelar-se e quanto mais revela mais se oculta. Os **Macios** são fofos e pontiagudos e, principalmente, são pinturas pós-moderna, questionando a imagem e a representação, o centro e o cosmo. Se Oiticica foi ação, Lygia Clark reação, Anna Bella busca a relação entre ação e reação. Ainda no MAM-Rio deu-se a Ação Experimental nos anos 60, quando o país passava por um regime político de exceção.

Nessa ocasião, uma nova geração emergia: Regina Vater, Maria do Carmo Secco, Carlos Zilio, Antonio Manuel e Cildo Meirelles. Convidamos dois desses artistas: Regina Vater e Cildo Meirelles. A geração seguinte era composta de Tunga, Iole de Freitas, Waltércio Caldas Jr., Ivens Machado. Mas dois foram convidados: Tunga e Waltércio Caldas Jr. São todos artistas experimentadores de novas linguagens, todos, de uma maneira ou de outra, "filhos" da discussão concretos x neoconcretos. O que os difere é a forma de atuar com a linguagem contemporânea.

Regina Vater, extrovertida, saiu de certa feita por São Paulo perguntando: "o que é arte?", resultando dessa pesquisa material para uma mostra. Cildo Meirelles prefere interferir no circuito de arte, com "performances" e objetos que questionam o circuito de arte, sem trégua, a partir do próprio objeto de arte. Já Waltércio Caldas Jr. constrói armadilhas para a mente.

Apesar do uso da imagem, veículo básico da arte visual comparecer em seus trabalhos, Waltércio quer nos armar arapucas mentais, notadamente pelo emprego de palavras-chaves, interferindo naquele átimo de tempo que une o visual, contemplativo, ao verbal (reflexivo), tudo isso dentro de conceitos orientais do tipo Zen e ocidentais emprestados à Alquimia. Se a isso acrescentarmos o humor de Duchamp e o realismo mágico de Magritte teremos o cerne dos processos empregados por Caldas Jr. O humor de Tunga - Antonio José e Mello Mourão - possui a mesma conotação da esfinge, obrigando-nos à solução de um enigma que, quase sempre nos reduz a opostos: o prazer e a morte, Eros e Thanatos. Seus objetos, contudo, são aparentados aos do alemão Joseph Beuys, transitando sempre pelo niilismo de nos levarem a coisa alguma.

Manfredo de Souza Netto se coloca nessa mostra como Sérvulo Esmeraldo, Sérgio Lima e Ubirajara Ribeiro: uma reação por oposição ao construtivismo nascido no final dos anos 50, mas que de certa maneira formou novas características em suas obras. O Concretismo criou, pelo menos, o gosto pela pesquisa e pela experimentação na arte brasileira. Manfredo é mineiro e sua obra mantém duas características principais, desde o início: a tendência geométrica e o uso da terra. A geometria na construção dos espaços: a terra como pigmento para seus objetos pictóricos. Agora outros elementos entram, como o cobre, mas ainda assim lembrando sua Minas Gerais. O caso de Sérgio Lima é outro. Lima é um estudioso da imagem e suas infinitas **nuances e performances**. Da imagem nascem seus questionamentos. Ubirajara Ribeiro e equipe buscam uma integração entre

sujeito e objeto em trabalhos de papel, que nos remetem a códigos, no qual o papel figura como o diálogo entre o objeto e o sujeito. Um verdadeiro teatro visual. Outro trabalho em papel é o de Lucy Salles, porém, seu valor é mais simbólico: a água como símbolo da vida. Uma cachoeira de 3 m de altura, em papel artesanal, trará a simbologia da água, diluindo a imagem dada em busca filosófica do Ser. Cleo Campos ainda no papel artesanal em contato com outros papéis industrializados, formando uma instalação, na qual o volume tem o maior peso para que os olhos do observador apreendam as relações entre ambiente e objetos. Em pura poesia espacial Irineu Felipe de Abreu Filho, campineiro, busca denunciar a crise habitacional entre nós a partir de um símbolo: a catedral de Brasília, criação de Oscar Niemayer encimada por uma figura humana angustiante. Outro campineiro em outra denúncia é José Luiz Piassa, analisando criticamente a constituição que, nesse exato momento, é feita em Brasília: Constitui-Ação, o título da obra.

Enquanto o MAM-Rio foi a sede da arte desenvolvida naquela cidade, em São Paulo este mesmo objetivo era alcançado pelo MAC-USP, onde Regina Silveira e Julio Plaza realizavam um projeto pedagógico experimental. Regina faz seu trabalho centrado na chamada arte conceitual de origem Duchampiana, com projeções virtuais em perspectiva, sendo "descendentes" diretas Lydia Okumura, hoje nos EUA, trabalhando o espaço a nível mental, criando ilusões ópticas. Ana Tavares começa a trilhar o caminho das instalações monumentais, pesquisando cor, materiais, criando templos de pensar. Por último, temos Bené Fonteles, um paraense andarilho místico, bruxo mesmo, que vem realizando obras em quase todas as mídias-Xerox, mail-art, agora fazendo altares, templos indígenas, obra ecológica e minimalista cabocla a um só tempo, Seu atelier é na Chapada dos Guimarães, em Cuiabá, onde vive hoje.

O 13º Salão de Arte Contemporânea de Campinas deu uma virada irreversível. Daqui para a frente terá de ter um seguimento realmente contemporâneo, não mais retornando àquele salão conservador de antigamente. Esperamos que as futuras mostras dêem seqüência à essa amostragem da arte nacional, notadamente em respeito ao público que, assim, se manterá informado das novas conquistas da arte nacional diante da internacional. Para mostrarmos que a arte brasileira nada deve à internacional,

convidamos a artista norte-americana Mary Dritschel, que viveu no Brasil durante muito tempo, realizadora de instalações quase sempre centradas na luta da mulher para conquistar seu espaço no mundo atual. Sua arte erótica mostra o papel da mulher-objeto na sociedade internacional, seus questionamentos são profundos, como profunda é a vida vivida.

Os artistas Cildo Meirelles, Regina Vater e Waltércio Caldas, embora convidados pelo MACC, não puderam participar.

ALBERTO BEUTTENMÜLLER

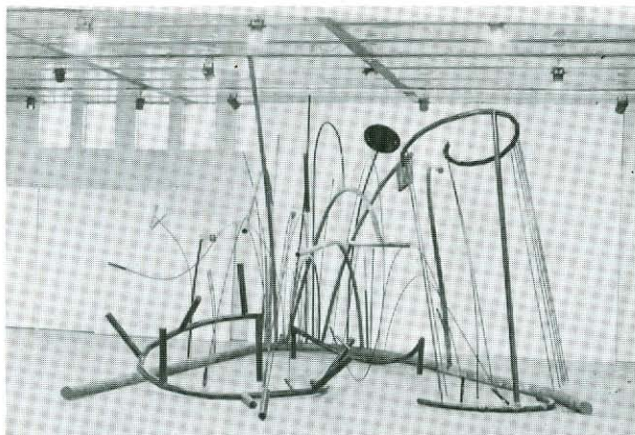


ARTISTAS CONVIDADOS

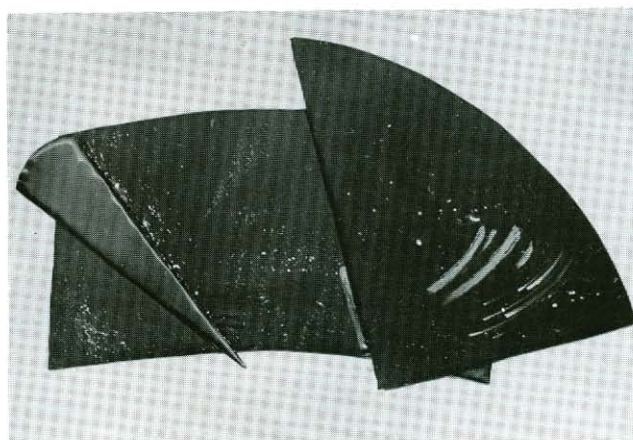


ANA TAVARES SÃO PAULO
ANNA BELLA GEIGER RIO DE JANEIRO
ANTONIO JOSÉ e MELO MOURÃO RIO DE JANEIRO
BENÉ FONTELES CUIABÁ
CLEO CAMPOS SÃO PAULO
IRINEU FELIPPE CAMPINAS
JOSÉ LUIZ PIASSA CAMPINAS
LUCY LOPES SALLES SÃO PAULO
LYDIA OKUMURA SÃO PAULO
MANFREDO DE SOUZANETTO RIO DE JANEIRO
MARY DRITSCHEL ILLINOIS - USA
REGINA SILVEIRA SÃO PAULO
SÉRGIO LIMA SÃO PAULO
SÉRVULO ESMERALDO FORTALEZA
UBIRAJARA RIBEIRO e EQUIPE SÃO PAULO

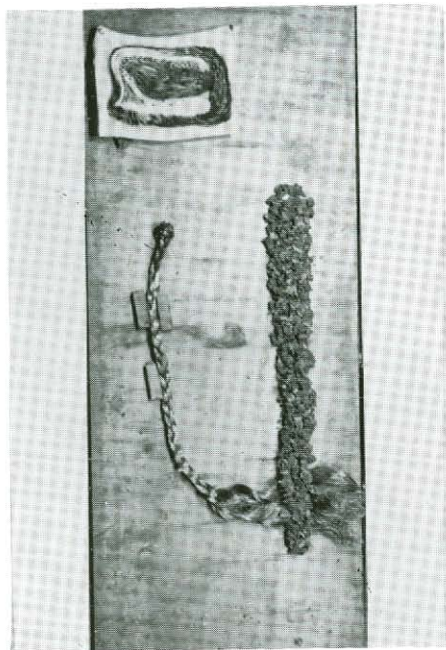




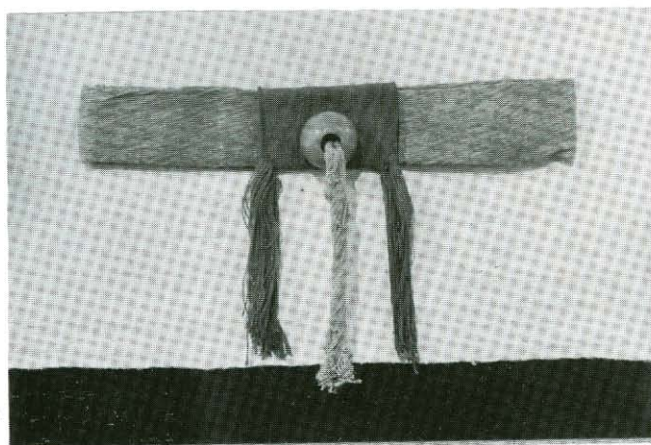
 ANA TAVARES
 "Orbital"
 Esculturas em aço carbono e iona/painel de desenho



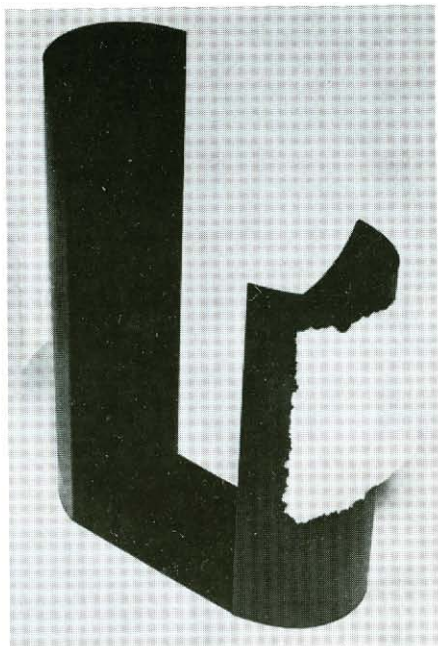
 ANNA BELLA GEIGER
 "Noturno III"
 Acrílico e Encáustica s/tela e cetim



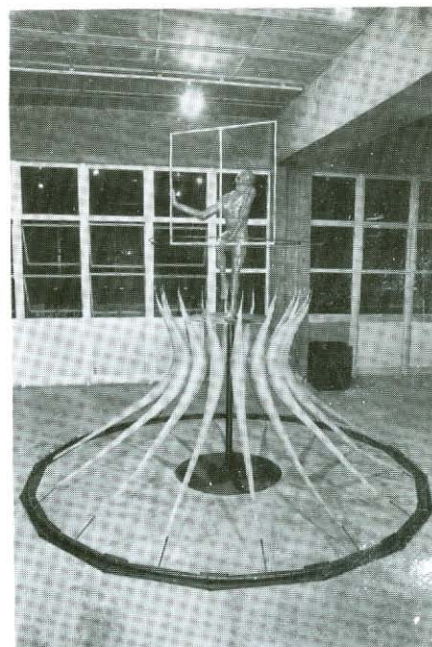
ANTONIO JOSÉ e MELLO MOURÃO - TUNGA
 "Ímã - cobre - ferros - latão - seda - massa encefálica"
 Escultura



BENÉ FONTELES
 "Adereços utilitários dos Índios Xavantes"
 algodão cru de Goiânia - braçadeira e
 tipóias dos Xavantes e cerâmica popular



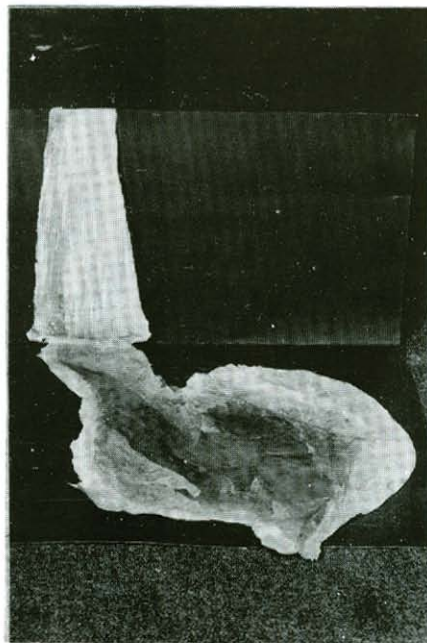
CLÉO CAMPOS
 "Todos os habitantes dos cantos virão dar vida à imagem"
 papel artesanal - Instalação



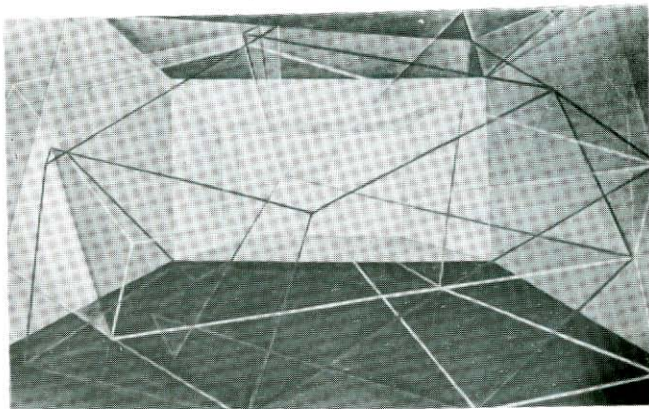
IRINEU FELIPPE
 "Contrastes"
 Instalação



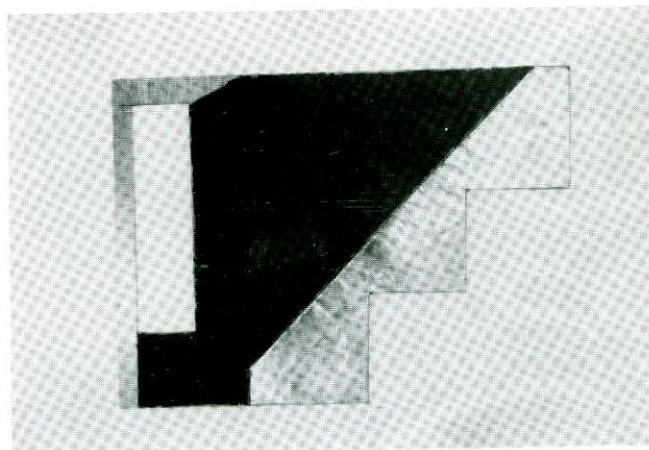
JOSÉ LUIZ PIASSA
 "Constitui - Ação"
 Instalação



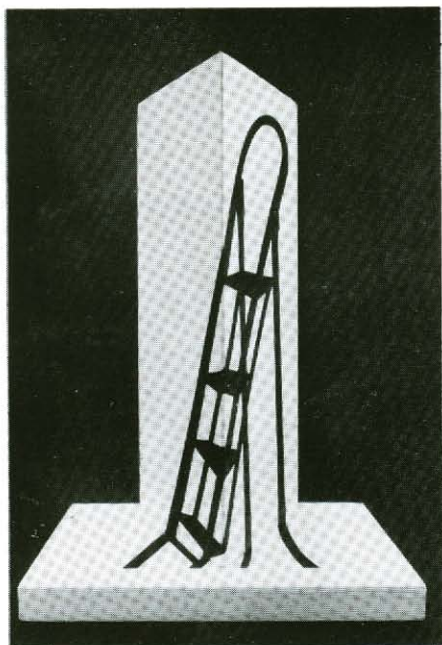
LUCY LOPES SALLES
 "Sem Título"
 papel artesanal



LYDIA OKUMURA
 "Transformação A/S/T"
 pintura acrílica



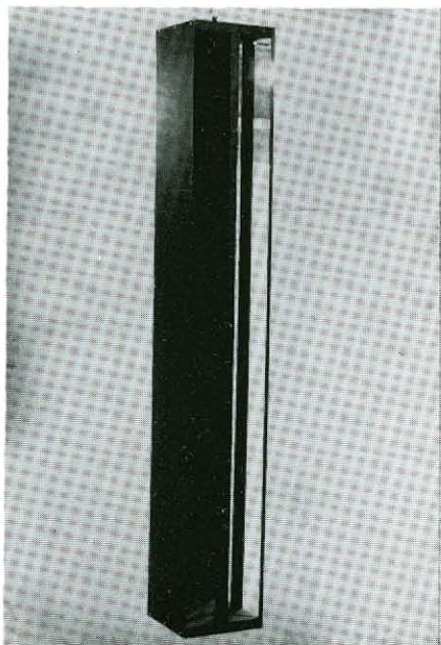
MANFREDO DE SOUZA NETTO
 "10/88"
 pigmentos de terra e resina acrílica
 s/tela, madeira e cobre



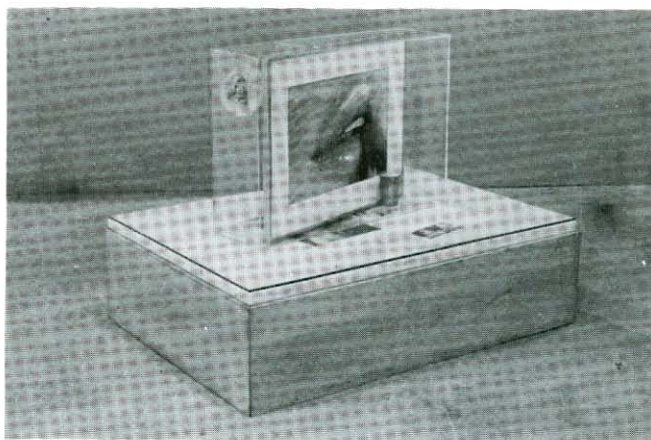
REGINA SILVEIRA
"Vértice"
pintura s/ madeira



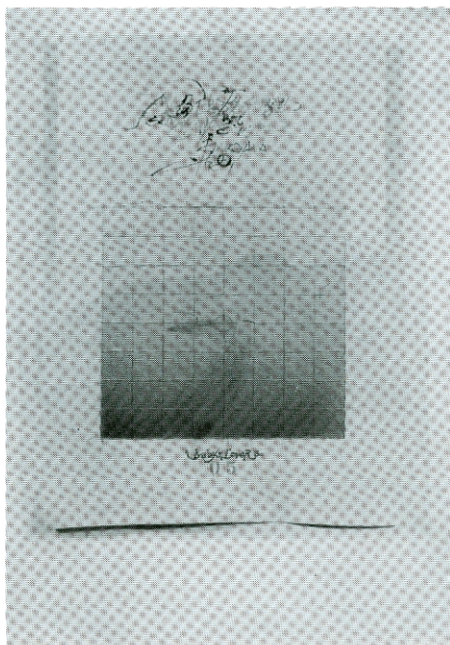
MARY DRITSCHEL
"Correntes coloridas"
madeira pintada - corda




SÉRVULO ESMERALDO
 "Vermelho Virtual"
 aço pintado, madeira e espelho

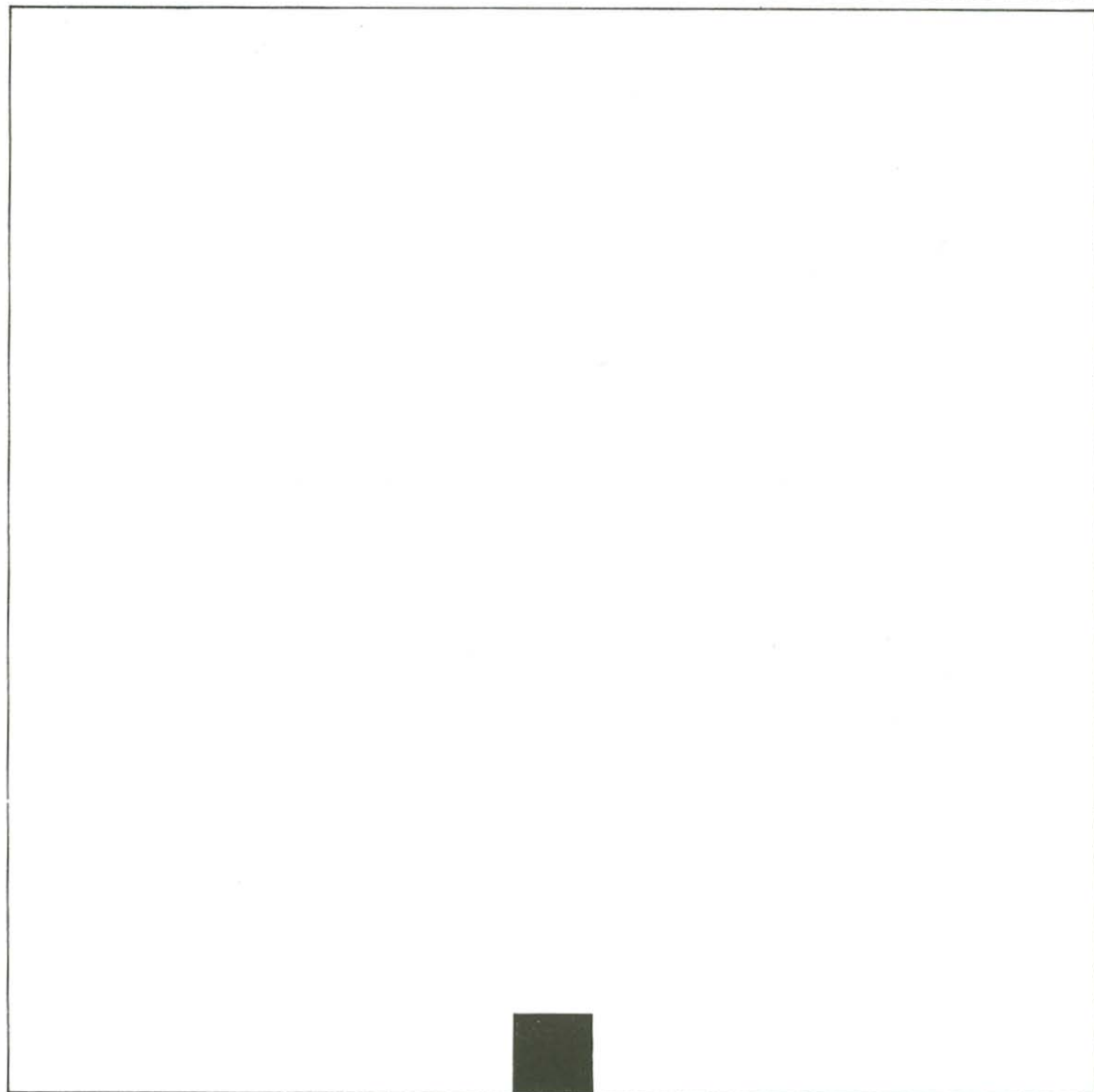



SÉRGIO LIMA
 "a Fonte" (o diadema)
 Assemblage



UBIRAJARA RIBEIRO
Equipe: VALÉRIA TORRES, MILTON SOGABE, SELMA DAFFRÉ
Assessoria - MARIA JOSÉ GORDO PALO
"Jornadas das Ficções de um narrador sem função conhecida"

REPROGRAFIA





artista, em suas atribuições de operacionalização de sua expressão criadora, hoje, pode se utilizar de diversos meios técnico-visuais para impor seus efeitos e pensamentos de linguagem. Toda herança de materiais, instrumentos e procedimentos deixada pela história e exercício da arte vem se acumulando. As possibilidades do artesanal já chegou em seus limites de arrojo. E, salientando que arte vai, e está, além da coisa feita, os acontecimentos artísticos, recentes e atuais, nos indicam que a busca e aquisição de novas possibilidades de uso expressivo estão em constante elaboração.

Se os artistas, esses experimentadores das novas realidades do mundo, se sentem limitados pelo fazer - nos moldes tradicionais que, inclusive, entendemos por arte: desenho, pintura, escultura e gravura -, a solução é pensar novos meios de ação.

A palavra é o termo tecnológico. O termo é a Reprografia.

Pelos contornos da máquina, entramos, aqui, então, no âmbito da reprodutibilidade da obra de arte. É o imediatismo propiciado pela imagem instantânea: xerox, offset, heliografia.

Bem, máquina é máquina. Ela não tem sôpro: Isso indica que a participação do artista não está eliminada. Pelo contrário: sua presença é imprescindível. Não, para apertar botões ou empreender ajustes ao seu funcionamento. E sim, para pensá-la. Oferecer sua respiração.

Então, assim, teremos todas as possibilidades tecno-visuais.

Em verdade, todas essas indicações preliminares têm nome. Nomes de artistas.

Artistas que, na constante provocação de novos momentos, estão, sempre, realizando pesquisas de ponta. Resultados que nem sempre convencem público e crítica. Mas, a história (da arte) caminha entre fatos e teorias que se coadunam e se justificam.

Agora. Se a pesquisa é a máquina e seus recursos, como ficam o desenho, a pintura, a escultura e a gravura ? Ficam. Do mesmo jeito.

O emprego da máquina, na faculdade de suas produções de arte de vanguarda, não remetem a arte ao exclusivismo tecnológico. As novidades plástico-visuais, simplesmente, acontecem e se instalam. Acabam por viver com as outras manifestações técnicas anteriores. Outra verdade é que tudo, e todos, se ajustam aos motivos particularizados.

Segmentando !

Falemos de arte xerox e suas possibilidades.

Quem diria, uma arte que surgiu nos escritórios. Vamos esclarecer. A idéia é que as pesquisas de reprodução fotomecânica se deram pela necessidade de copiagem rápida de papéis e documentos de escritórios. Assim, a partir de 1935 e, então, em 1938 Chester Carlson corporificou o esboço original da máquina de xerox. Os anos 40 são de adequação.

Mas, é a década de 60 que vai conhecer todo o poder e avanço das possibilidades da cópia a seco.

Mudou o papel, mudaram os processos de comunicação gráfica. Mudou, e isso é o que nos interessa, a postura dos artistas em relação à arte.

No Brasil, é Paulo Bruscky - ousado é, portanto, interferente. Não aceita, em sua arte, apenas o fator de reprodução. Experimentador, atinge as distorções, superposições e outros tantos efeitos que a máquina de xerox pode lhe oferecer. Pela contribuição do acaso, abrange grandes espaços de formação empírica -, em 1970, quem inicia o caminho da arte xerox entre nós. Por outra via, a arte postal, Ângelo de Aquino, Julio Plaza e Regina Silveira também assumem o uso do xerox.

Os recursos artísticos da máquina, aos poucos são descobertos por outros artistas tornando, então, o xerox, procedimento largamente utilizado pelos artistas nacionais. São destaques: Hudinilson Jr. - sua arte é corpo, sensualidade. Narcise. Ampliação de detalhes e valores. Imagens de forte conotação erótica. Se, xeroperfomático, valoriza a relação homem-máquina. Se, produtor individualista, sabe selecionar setores corporais que inspiram movimentos sexo-vitais -, Mário Ramiro - as seqüências do contraste, corpo ou fragmento, fazem de sua produção, uma busca eminentemente gráfica. A cópia da cópia e a amostragem simultânea revelam e valorizam o teor de processo que permeia sua pesquisa visual - e Rafael França.

Bené Fonteles - político, culturalista e dramático, se apropria dos efeitos da copiagem para conceber resultados visuais de forte impacto. Conceitual e técnico, sabe oferecer arrojo às suas composições criando contrastes, simultaneidade, distorções e desproporções - e Anna Bella Geiger - de conduta gravadora, metal e serigrafia, o xerox acontece em sua arte de maneira facilitada. A questão de apoio artístico é a

desmistificação da arte, dos conceitos, da brasilidade - desenvolvem pesquisas bastante personalizadas enquanto, Paulo Brusky e Bernardo Krasniansky - forma e cor. É o espaço de ação do xerox colorido. Assimilando o evento da cópia de xerox colorido, sua atuação é eficiente quando é percebida a relação (ou, revalorização) dos elementarismos composicionais - são os grandes experimentadores do xerox colorido.

Pelas facilidades de processo e custo, um segmento importante, além da arte postal e produções individualizadas, é a produção de livros de artista: Paulo Brusky, Hudinilson Jr., Regina Silveira, Mário Ramiro, Rafael França, Anna Bella Geiger e Flávio Abuhab - na investigação de signos, símbolos de domínio e conhecimento coletivo, processa uma catalogação e mutação visual que atinge a origem de formação iconográfica. E, agora, o offset.

A forma mecânica da litografia é o offset. No offset, a pedra calcária é substituída por uma chapa de impressão metálica, fina e flexível, que é acondicionada, externamente, num cilindro de impressão. O processo offset - que tem mais de cinquenta anos de evolução - exige a feitura fotográfica das chapas. Exige, ainda, a sensibilização à luz. Esse processamento é químico, fazendo com que a área da imagem rejeite a água e aceite a tinta. O inverso ocorre com a área não sensibilizada e, portanto, sem imagem.

Da imagem artística, no Brasil, o offset tem espaço restrito. Alguns poucos artistas têm acesso a esse método de impressão e reprodução gráfica. O primeiro nome que deve ser registrado é o de Mário Ishikawa - Sempre voltado para o experimentalismo, onde se discute técnicas e processos de produção além do caráter de veiculação do produto, Mario Ishikawa buscou as razões gráficas do offset para, então, assumir uma forma marginal da participação artística. Depois, eclético nas questões xero-offset-serigráficas, indicamos Alex Flemming - sem preconceito contra a reprodutibilidade das imagens, organiza sua arte transitando nos domínios do xerox, da fotolitografia por contraste, das retículas, da impressão serigráfica e, ainda, no acabamento pictórico sobre suportes particularizados.

Uma extensão do offset é a tiragem de cartões postais de artistas. Podem ser obras em si, Anna Bella Geiger, ou representação múltipla, Regina Silveira.

Finalizando a contribuição reprográfica para a arte, a copiagem heliográfica traduz dois grandes nomes da arte nacional.

Leon Ferrari - sua questão é modular e urbana. É na repetição (ou obsessão) de padrões sígneos, que caminham numa combinação utópica, que irá, o artista, encontrar meios expressivos e cênicos para desempenhar sua arte - e Regina Silveira - "é a crítica da representação ilusionista que utiliza como instrumento de reflexão visual a metamorfose de figuras em perspectiva". Assim como o segredo do xerox é a sua leitura a seco sem convenção de matriz, o do offset é a sensibilização química dos limites tinta-água, o do processo heliográfico é o Diazo. Duas presenças: a amônia e raios ultra violetas desencadeiam a reação. Tem-se, então a transferência original-cópia.

A arte está em pleno período de valorização de sua reprodutibilidade. Ganham os artistas que dispõem de novos meios de atuação estética, ganha a obra, em si, por sua capacidade facilitada de veiculação e divulgação, ganha o público que pode visualizar um segmento da produção artística contemporânea que, apesar de pesquisa, vanguarda e ponta, não pretende ser elitizada.

MARCOS RIZOLLI

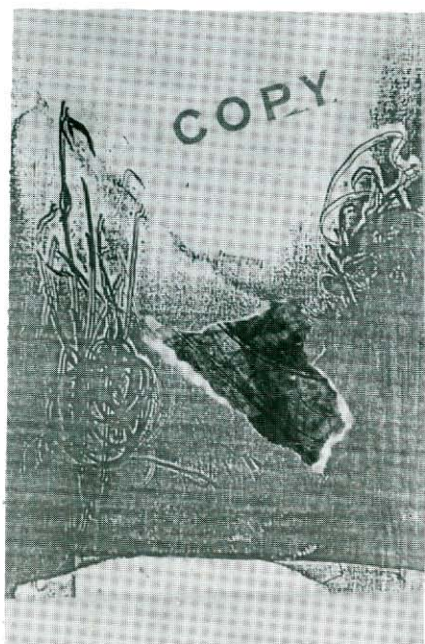
RIZOLLI

ARTISTAS CONVIDADOS



ALEX FLEMMING SÃO PAULO
ANNA BELLA GEIGER RIO DE JANEIRO
BENÉ FONTELES CUIABÁ
BERNARDO KRASNIANSKY SÃO PAULO
FLÁVIO ABUHAB SÃO PAULO
HUDINILSON JR. SÃO PAULO
LEON FERRARI SÃO PAULO
MÁRIO ISHIKAWA SÃO PAULO
MÁRIO RAMIRO SÃO PAULO
PAULO BRUSKY RECIFE
REGINA SILVEIRA SÃO PAULO

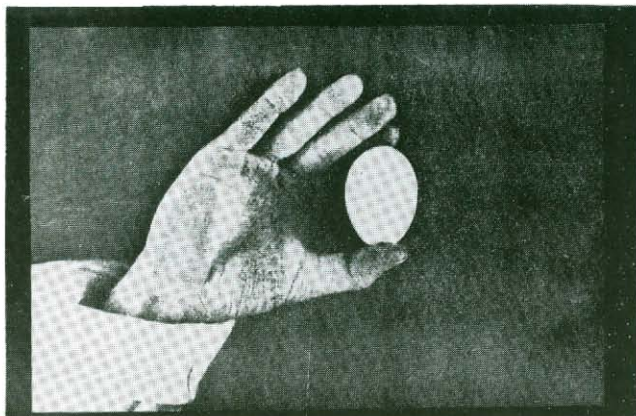




PAULO BRUSKY
"Sem Título"
xerox colorido



HUDINILSON JR.
"Zona de Tensão III - A,B,C,D,G"
xerografia



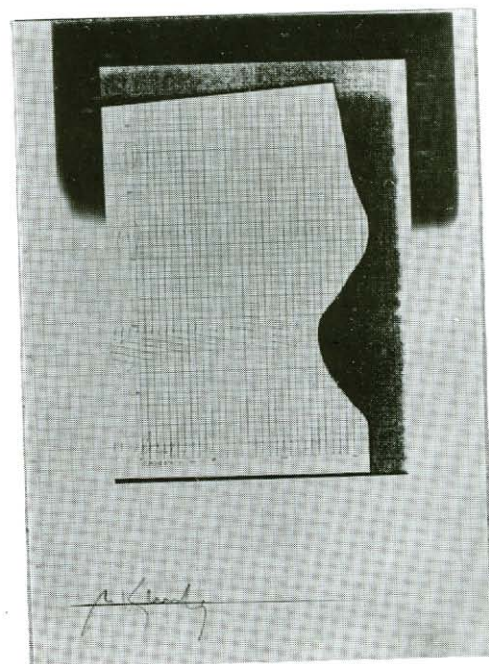

 MÁRIO RAMIRO
 "Passe de Mágica"
 xerox




 BENÉ FONTELES
 "Yokos"
 xerox



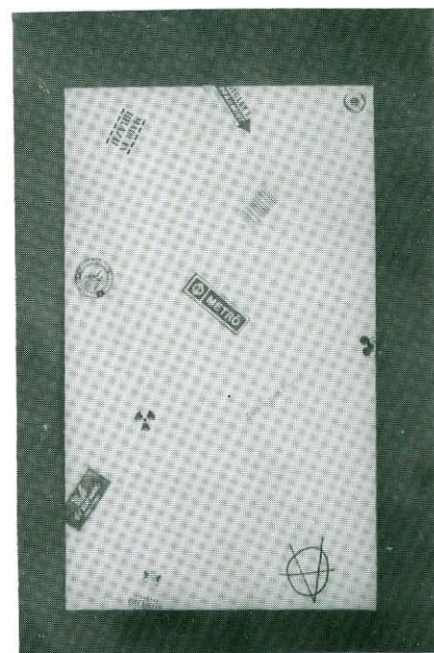
 ANNA BELLA GEIGER
 "Camuflagem col. mel I"
 xerox colorido



 BERNARDO KRASNIANSKY
 "Ondulação/Trama de Quadriculados"
 Canon Toner Marrom



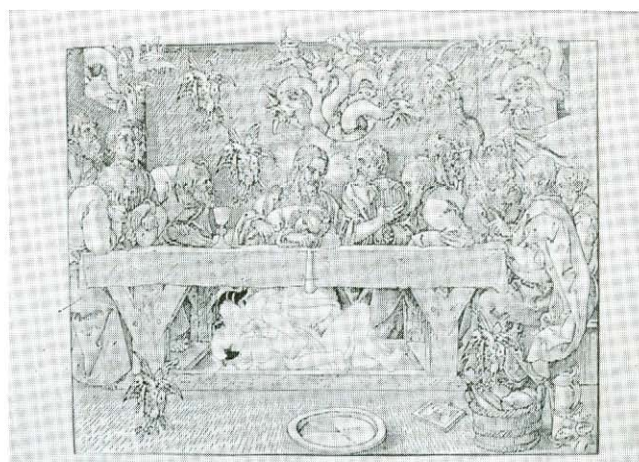
 REGINA SILVEIRA
 "Inflexão"
 heliografia



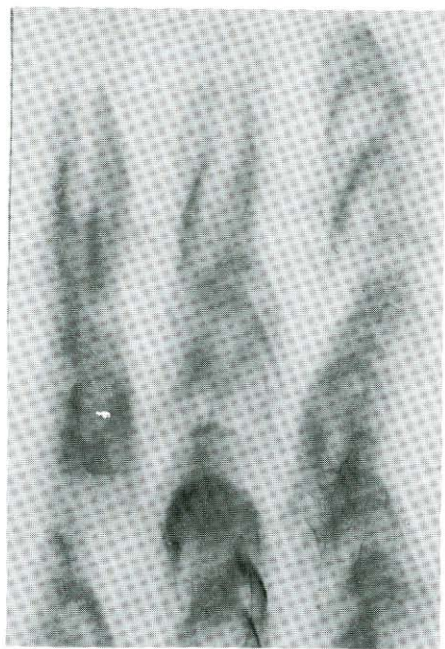
 FLÁVIO ABUHAB
 "Mostruário Iconográfico Coletivo"
 objeto/livro
 xerox processual




ALEX FLEMMING
 "Sem Título"
 gravura em metal com base fotográfica

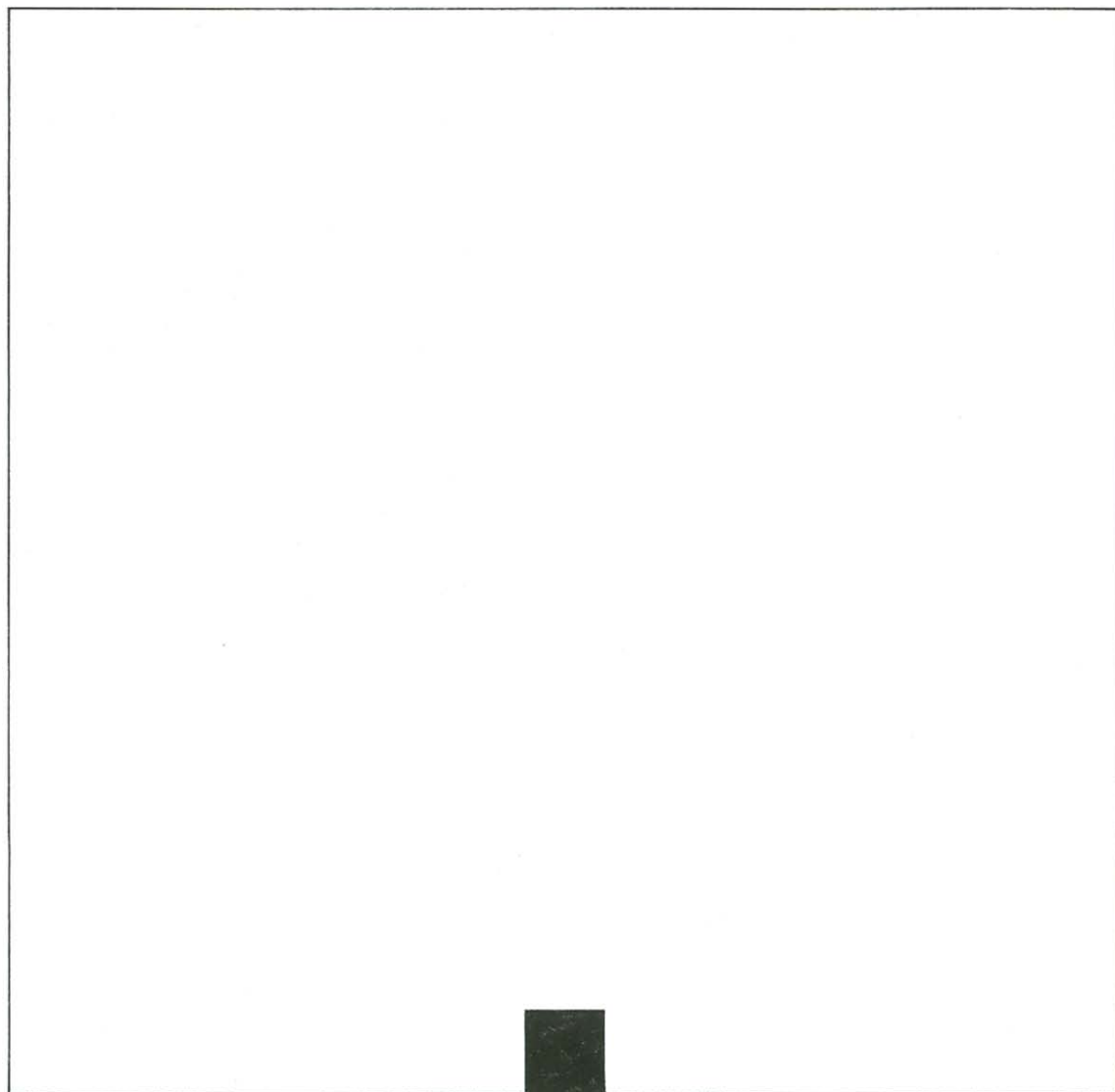



LEON FERRARI
 "Santa Ceia"
 heliografia



MÁRIO ISHIKAWA
"Querox"
xerox

VÍDEO ARTE



A

arte, como atividade produtiva, formadora, não se acomodou frente a evolução técnica-industrial deste século e não se limitou apenas a refletir passivamente esta situação, e sim, ativou condições e processos geradores de novas concepções, auxiliando o artista a atuar mais adequadamente perante a situação do homem no mundo.

A princípio, o artista relutou em simplesmente aceitar essa evolução tecnológica, atuou como agente questionador, mas, tão logo obteve condições para assimilar os contextos técnicos dessa evolução, sentiu necessidade em adentrar nesse parâmetro, que refletia as circunstâncias atuais. Esse domínio das possibilidades que oferecia a tecnologia, foi fundamental para que o artista pudesse alargar e ordenar a sua experiência, ajustando e inventando as formas possíveis que pudessem sobrepor esse avanço tecnológico. A arte aceitou esse novo conhecimento junto aos seus meios de expressão, com artistas capazes de liberar suas idéias, na conquista da exteriorização criativa e apreensão do mundo.

Os artistas, de modo geral os pesquisadores, adequaram-se ao funcionamento dos mecanismos, numa apropriação técnica que gerou formas de expressão, que auxiliam nas duplicações das gamas da arte.

Nesta era de transformação científica e tecnológica, o artista tem uma tarefa imprescindível à realidade ao qual atravessa; não podendo fugir de sua função em acompanhar as mudanças inerentes ao tempo e à sua época, para exprimir sua criação de modo coerente com a atualidade, sempre à procura da captação do novo. Se considerarmos dentro da perspectiva histórica, cada povo em sua época aceitou e usou a tecnologia que lhe era própria.

A arte teve maior expansão, no momento em que o artista concedeu maior atenção ao potencial estético resultante da tecnologia avançada. Introduziram-na um segmento fascinante que ultrapassa o efeito formal de imagem e de objetos estáticos.

O uso tecnológico na arte é o extremo oposto de uma alienação ou massificação. O artista sempre extrapolou os meios materiais, para conseguir condições de ampliar seu potencial criador, em novos conceitos artísticos, devido à mutação rápida dos meios de expressão. Os novos **media** têm um imenso potencial artístico.

Com a evolução dos **media**, surgem novas formas de arte, não competindo, entretanto, com as formas de arte mais tradicionais e antigas.

Existem diversas formas e meios para o artista criar e executar sua obra; o uso da tecnologia para se expressar, não tira o mérito dos meios tradicionais de expressão, mas amplia sobremaneira as condições fundamentais de potencialidades, ultrapassando limites e abrindo frestas para que a arte caminhe e siga seu destino evolutivo. Consequentemente, a arte tecnológica fornecerá elementos para a expansão de uma nova estética, cuja função, responda sobretudo aos anseios de nossas necessidades atuais.

O vídeo como arte, surgiu pela necessidade de alguns artistas preocupados por questões estéticas em utilizar esse veículo de comunicação, como arte e como evolução pós-objeto.

Os primeiros trabalhos a utilizar o vídeo como arte são atribuídos a Nam June Paik e Wolf Vostell, artistas que formaram o núcleo do grupo Fluxus. No fim de 1959, na apresentação de "descolagem", Paik distorceu a imagem da televisão por meios mecânicos, utilizando-se de ímãs provocando desajustes das peças dentro do próprio aparelho, numa analogia eletrônica ao som do piano executado por John Cage.

Com o avanço tecnológico, a expansão do uso da TV na arte era constante, principalmente nos países: Estados Unidos, República Federal da Alemanha e Japão.

A maioria dos trabalhos iniciais apresentava um contexto escultural e com a invenção da gravação visual em fita magnética ou vídeo-tape, que revolucionou os meios de comunicação, ampliou-se sobremaneira, as possibilidades de ação do artista com essa polêmica forma de expressão. Contudo, essa polêmica aos poucos foi sendo atenuada, principalmente devido aos artistas que souberam manter a conceituação, impulsionando novas características na apresentação dessa arte, em bienais, salões, exposições e outros eventos.

Muitos artistas se fascinaram pela importante perspectiva da utilização da televisão nos meios artísticos.

Devido ao **vídeo-tape** as possibilidades reflexivas aumentaram, pois era possível canalizar ao espectador a apreciação e concentração de elementos, de detalhes, da **praxis** estética de meros gestos, de movimentos que habitualmente eram passados despercebidos.

O vídeo como arte conseguia adesões, geralmente de artistas que sentiram condições com o uso do **vídeo-tape**, em alterar a força do convencional.

Os artistas que desenvolveram esse gênero de pesquisa, foram os que necessitavam de uma arte mais demonstrativa: os performáticos, os conceituais e os da **land-art**.

O vídeo como arte não é apenas uma tecnologia destinada a proporcionar uma terapia e entretenimento visual ao espectador. Na realidade, é um excelente meio que proporciona a exploração de tópicos importantes para análise da arte contemporânea atual.

Entretanto, a finalidade da curadoria deste segmento artístico é a de mostrar a variedade de opções conquistadas pelos artistas ao trabalharem com o vídeo, sem, contudo, penetrar no caráter histórico desta arte no Brasil.

Os participantes foram convidados, de acordo com a capacidade artística e atuação individual desenvolvida na área.

ARTUR MATUCK apresenta "Psi-Om", uma obra de ficção científica que descreve a experimentação científica no planeta Megga. Sua constante atuação em pesquisas em vídeo, conquista a produção de trabalhos experimentais em várias linguagens. Matuck desenvolve pesquisa resultante com o processo de visualização de sons com o equipamento de "Televisão de Exploração Lenta" - **Slow Can** e numa continuidade inerente ao seu intuito, consegue relacionar e transportar sua idéia essencial do vídeo para a fotografia e para a heliografia.

PEDRO VIEIRA E WALTER SILVEIRA apresentam "VT Preparado AC/JC", é um vídeo/ensaio sobre John Cage e Augusto de Campos, com ruídos, distorções, impulso eletrônico gerados a partir de trechos gravados no lançamento do livro "De Segunda a Um Ano", de John Cage, e na apresentação do espetáculo "Cage/Campos" acontecido durante a XVII Bienal Internacional de São Paulo. Conseguem relacionar a imagem e a visão do observador, ritmando o "Silêncio" e o "Pulsar" como parâmetros simbólicos da ação humana.

TADEU JUNGLE mostra um conjunto de curta-duração que cultiva emoções antagônicas e conduz o observador a uma análise crítica.

Consegue estimular interesse e expectativa com momentos satíricos repletos de insinuações, abrangendo climas diversos do sentimento humano. Além desse trabalho, Tadeu também participa com "Heróis da Decadência (SIC)" como um poema épico urbano que traduz em imagem e som o tédio e (as)piraões de um espaço/tempo.

Brasil asfalto anos 80. Induz reflexões sobre a crua realidade do ser humano.

ROBERTO SANDOVAL sempre atuante e pesquisador de novos recursos técnicos está representado com "Q C Tem Mar" que inclui seis segmentos rápidos e precisos. Caminha de modo irônico com interferências de efeitos significativos.

RITA MOREIRA assídua e constante na realização de vídeos, apresenta "As Sibilas" e "A Obra de Kawamata". O primeiro é um vídeo de pesquisa com depoimentos e entrevistas das "Sibilas" (profetisas) que abordam sobre o Futuro das mulheres. O segundo é um documentário sobre o artista japonês Kawamata, convidado pela 19ª Bienal Internacional de São Paulo, enfocando numa visão peculiar a atuação desse artista em montar e desmontar estruturas de madeiras em vários locais de São Paulo, ao realizar obras de arte temporárias. Em ambas as realizações ressalta a capacidade virtuosíssima de Rita ao abordar e ao discorrer sobre as temáticas enfocadas.

WAGNER ALBERTO THOMAZ mostra suas últimas realizações, após recente retorno de Dallas-Texas, viagem que serviu de incentivo para a apresentação de suas pesquisas com uso de recursos técnicos variados e repletos de efeitos óticos.

MARTA MEDAGLIA ALMEIDA apresenta uma releitura do microuniverso das cidades, nos seus níveis, planos e movimentos. Através de imagens de uma cidade em miniatura dentro de uma caixa de televisão, com efeitos de luzes, movimentos mecânicos e espelhos, conduz o espectador à sensações de imagens "infinitas". O potencial plástico/visual está englobado na mesma realização.

GUTO LACAZ participa com vídeo, contendo uma colagem de trabalhos, sendo composta

de alguns vídeo-performance e demonstrações de objetos cinéticos/sonoros. Sua irreverente e astuta criatividade está unida com os talentos dos artistas por ele convidados para realização desse trabalho. Ron, Ron, Farah, Javier Borracha e os performers Sérgio Martins e Ricardo Barreto.

ANNA BARROS apresenta a instalação "Nutrir-to-Nourish", unindo imagens com recursos audio-visual e projeção de slides. Aborda e questiona a problemática feminina e os abusos opressores que norteiam as mulheres.

Anna percorreu seu caminho artístico desenvolvendo obras em diversas técnicas. Atualmente desenvolve a arte do vídeo em instalações, obtendo pleno êxito em suas realizações, inclusive no exterior.

BENE TREVISAN participa com a instalação "Projeto Utero-Tecnologia do Inconsciente". Demonstra simbolicamente as impressões do inconsciente, com relação a uma nova energia dos detritos tecnológicos da civilização. Impressões luminosas ecoam pela transmissão de pontos ordenados contrapostos ao caos imagísticos, juntamente com a voz de Joseph Beuys na obra de David Sylvian: "Gone to Earth".

RAFAEL FRANÇA desenvolve experiências em vídeo-arte desde 1978. É formado pela Escola e Instituto de Arte de Chicago, com mestrado em vídeo e história da arte. Apresenta "As Is Exiled in paradise" numa proposta de exploração da linguagem da narrativa, relacionando a vida de um escritor com o seu trabalho, entre o real e o irreal.

ROBERTO MILLER apresenta "Laser Efeitos" com desenhos abstratos e "Ballet Kaley" - tributo a Norman McLaren, numa releitura de desenhos e figuras. Miller desenvolveu pesquisas no cinema e na TV, tendo realizado o primeiro vídeo-arte na televisão no Brasil, em 1976. Atua na TV Cultura - Canal 2 e é o responsável pelo excelente programa "Lanterna Mágica".

HANS DONNER, diretor de Arte e Design da Rede Globo de Televisão apresenta a fita de demonstração com vinhetas e abertura da Rede Globo. Donner tem se destacado em realizações visíveis de enorme talento direcionadas a um público enorme e heterogêneo que a Rede Globo abrange.

Ao nosso parecer, a resenha final dos vídeos de nossos convidados, aglutina

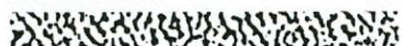
sobremaneira o potencial desta arte no Brasil, oferecendo momentos variáveis de importantes realizações.

O artista contemporâneo é estimulado por várias modalidades de experiência, tendo à sua disposição elementos para contemplar e condições em aproveitar os questionamentos e análises artísticas do presente e do passado. Está sendo auxiliado cada vez mais pela cooperação mútua da "Arte" e "Ciência" que geram oportunidades de penetração intelectual em suas obras, valorizando a inteligência racional, além da receptividade emotiva. Certamente, com todo apoio da tecnologia alcançada neste século, estamos caminhando para o momento pós vídeo-arte.

PAULO DE TARSO CHEIDA SANS

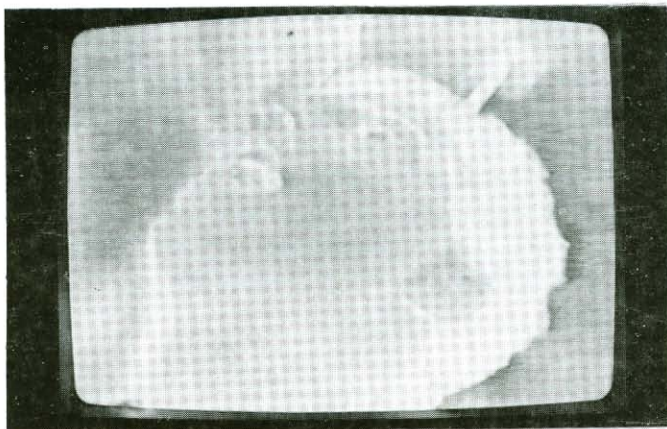


ARTISTAS CONVIDADOS



ANNA BARROS SÃO PAULO
ARTUR MATUCK SÃO PAULO
BENE TREVISAN SÃO JOSÉ DO RIO PARDO
GUTO LACAZ SÃO PAULO
HANS DONNER RIO DE JANEIRO
MARTA ALMEIDA MEDAGLIA PORTO ALEGRE
RAFAEL FRANÇA SÃO PAULO
RITA MOREIRA SÃO PAULO
ROBERTO MILLER SÃO PAULO
ROBERTO SANDOVAL SÃO PAULO
TADEU JUNGLE SÃO PAULO
WAGNER THOMAZ SÃO PAULO
WALTER SILVEIRA e PEDRO SILVEIRA SÃO PAULO






 ARTUR MATUCK
 "Psi-Om" - 18 minutos
 Vídeo Ficção
 Produção Vivi Cardim



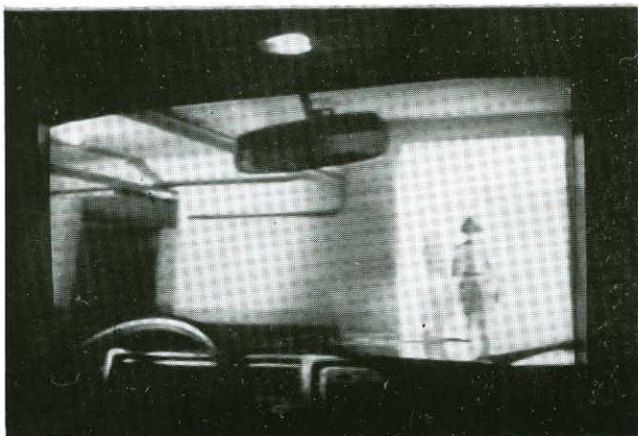

 GUTO LACAZ
 "Vídeo Performances" - 10 minutos
 Produção Conecta Vídeo



 HANS DONNER
 "Vinhetas e Aberturas" - 33 minutos
 Produção TV. Globo



 RAFAEL FRANÇA
 "As Is Exiled in Paradise" - 7 minutos
 Vídeo Experimental
 Produção Rafael França




 ROBERTO SANDOVAL
 "Q C tem Mar" - 1 minuto e 15 segundos
 Vídeo Experimental
 Produção Roberto Sandoval



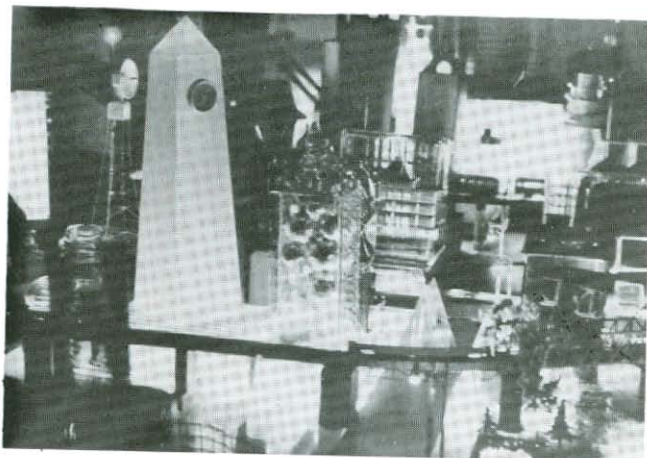

 TADEU JUNGLE
 "Heróis da Decadência" (sic)
 - 35 minutos
 Vídeo Experimental
 Produção TVDO/
 The Academia Brasileira de Vídeo
 "Ryth m(O)z" - 19 minutos
 Vídeo Experimental
 Produção TVDO



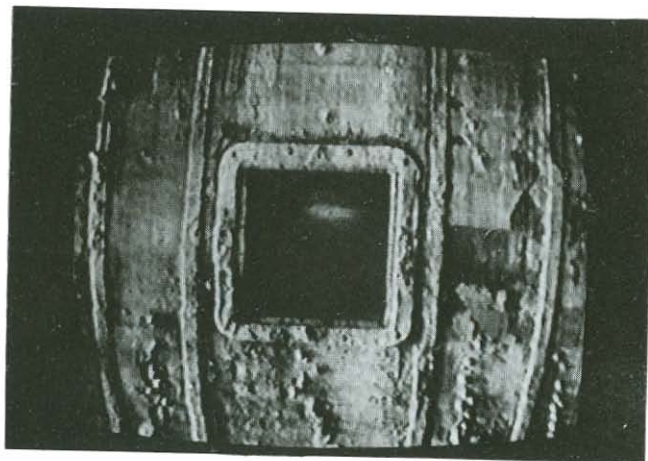
 WALTER SILVEIRA e PEDRO SILVEIRA
 "VT Preparado AC/JC" - 10 minutos
 Vídeo Experimental
 Produção TVDO



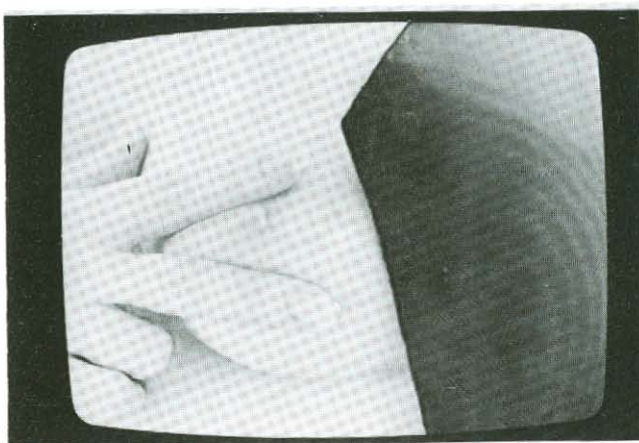
 WAGNER THOMAZ
 "Reflexões Sensitivas" - 6 minutos
 Vídeo Experimental
 Produção Wagner Thomaz



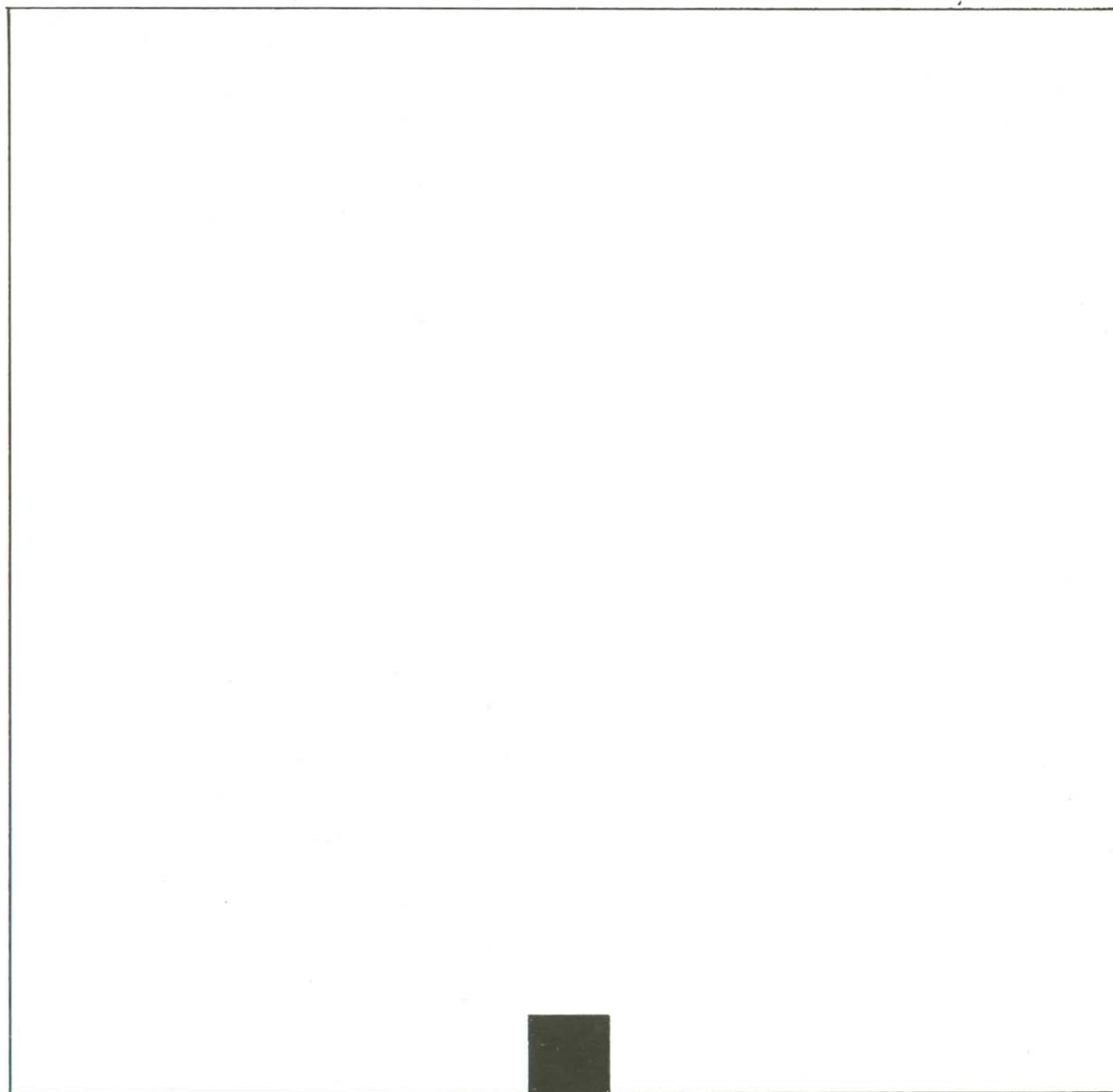
MARTA ALMEIDA MEDAGLIA
 "O que era o Infinito" - 2 minutos e 20"
 Vídeo Experimental
 Produção Fundo Infinito
 Produções Artísticas
 Foto Rochelle Costi



BENE TREVISAN
 "Projeto Útero - Tecnologia
 do Inconsciente" - 40 minutos
 Vídeo Instalação
 Produção - Bené Trevisan



ANNA BARROS
"Nutrir - to - Nourish" - 3 minutos
Vídeo Instalação
Produção Anna Barros
Foto - Anna Barros

[illegible]

A

luz como elemento acompanha o artista desde as suas primeiras emoções. A criança quando nasce recebe a claridade primeira e fica marcada por uma sensação inesquecível, a partir da qual vai viver um mundo de imagens incessantes, figuras de desenho que a luz realiza tocando os objetos e se transladando para a retina, que é como dizer, ao cérebro. Ela é assim o elemento mais veloz e imaterial transmissor de informações, técnico hoje nos feixes laser que fazem a leitura de dados para alimentar computadores.

Na Pré-história ela certamente influenciou os artistas, mesmo antes de suas primeiras manifestações. A adoração ao sol é a adoração ao fluxo de energia que mantém a vida em nosso planeta.

O raio na tormenta, no meio da noite escura em que o homem primitivo vivia, o terá impressionado como o milagre divino da luz, a própria consciência da existência do universo.

Aprofundando ainda mais nas raízes da vida, poderíamos tentar imaginar o momento em que as primeiras células, vegetais, começaram a receber a luz do sol não somente como alimento, mas também como informação:

Começou o dia, o sol está forte, horário de alimentação.

É quase noite, o sol caiu. Horário de se recompor para o próximo dia.

É dia, mas começou a escurecer, poderá vir a cair água, será o horário de beber.

Idéias simples poderiam ter se iniciado desta maneira, evoluindo para outras que envolveriam a presença de outros seres na vizinhança, noção do ambiente e o local de vida, etc. etc..

As células se agrupando, teriam constituído o olho e o cérebro. E a noção do mundo, do ambiente e do universo, criada por meio deles no cérebro humano. Podemos conceber a vida sem a luz? certamente que não. E a arte sem ela ? somente de uma maneira muito limitada.

A magia da luz reside em sua total imaterialidade. Ela é tão imaterial quanto as nossas

idéias. Infinitude de raios podem se atravessar sem interagir, trazendo luz desde os limites do universo conhecido. Vendo-a e interpretando-a, o homem pode se sentir intelectualmente muito além de seu próprio corpo, como se fosse um Deus.

O laser surge no ano de 1960, dando impulso à holografia a partir do ano de 1962. Novas possibilidades se abrem para os cientistas e especialmente para os ópticos, que vão transcendendo para o público ao longo de duas décadas. Luz com grande brilho e pureza manifestando propriedades intensas e exclusivas. As imagens perfeitas.

A arte vai se interessando por isto, porém, existe entre ciência e tecnologia o que poderíamos chamar de uma barreira, criada pela especialização da era tecnológica, que dificulta a concretização de grandes idéias comuns ao homem integral, como na Renascença. Podemos até acreditar que hoje o homem de ciência e o artista tenham receios mútuos. Isto vai ser certamente superado, num futuro não muito distante. São os ciclos da história.

No Brasil a tecnologia existe, intensa mas de uma maneira muito particular: ela vem quase sempre pronta e deve ser adaptada sem que estejamos envolvidos na atmosfera criadora que a originou. O esforço criador aqui, é, portanto, maior e mais difícil. Os resultados, porém, podem ser altamente originais.

Na arte, trabalha-se igualmente, com as novas tecnologias, com esforço e dedicação extraordinários, única maneira de se conseguir os resultados que são expostos. O país não vai, certamente, ficar isolado dos recursos que estão chegando hoje ao alcance do homem moderno.

A cidade de Campinas possui uma tradição no cultivo às Artes, como poucas no país, e Sílvia Matos representa os artistas campineiros que, dominando as técnicas tradicionais, sentiram o fascínio das possibilidades que novas tecnologias estão oferecendo. Crescer em torno da cidade, indústrias com tecnologias avançadas, que simplesmente porque a natureza humana não pode prescindir da arte, devem servir também para estabelecer a conexão entre a alta tecnologia para utilização material e seus aspectos renovadores no mundo expressivo. As fibras ópticas, o maior elo de comunicação já fabricado pelo homem, começaram a ser desenvolvidas em Campinas e encontram continuidade na pesquisa artística que Sílvia vem realizando com entusiasmo, dedicação e paixão. Os pontos luminosos pipocam com febril intensidade em cascata estelar que nos faz sentir o

universo em sua dimensão indescritível, conseguindo assim uma linguagem expressiva extraordinária.

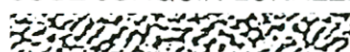
Paixão, dedicação e entusiasmo parecem caracterizar aos pioneiros da arte tecnológica, e devemos acrescentar para comentar a obra de Moysés Baumstein a palavra paciência. Holograma após holograma ele consegue utilizar a holografia com bondade, de maneira familiar e não com a frieza da representação congelada. A figura humana é desta forma, vivenciada em seus trabalhos com bastante frequência. Sua preocupação com o tamanho da obra é aquela de todos os holografistas; afinal, há muito tempo que se sonha com grandes imagens holográficas, mas a transição para essa dimensão só vai sendo conseguida palmo a palmo.

José Joaquin Lunazzi trouxe, além dos primeiros hologramas, novas propostas para a holografia artística. No mesmo local em 1984 colocara três propostas, duas das quais estão novamente representadas nesta mostra: A utilização do holograma como gerador de cores puras (arte espectral) e a animação artificial das imagens holográficas. Escultura, Holografia e Fotografia podem ser combinadas na arte espectral fotográfica que, de outro lado, chegou ao ponto de pintar com luz, obras onde nem a forma nem a cor surgiram de objeto algum. Reivindica-se assim o alto valor plástico da fotografia com a conclusão:

Holografia é Fotografia, registro luminoso.

Desta forma, o espírito de Hércules Florence permanece presente entre nós. Rachel Regina de Matos Gobo realizou juntamente com Lunazzi, o perfeito casamento entre hologramas e esculturas.

JOSÉ JOAQUIN LUNAZZI



ARTISTAS CONVIDADOS

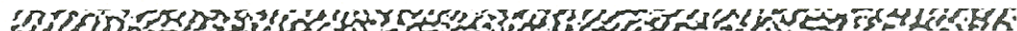


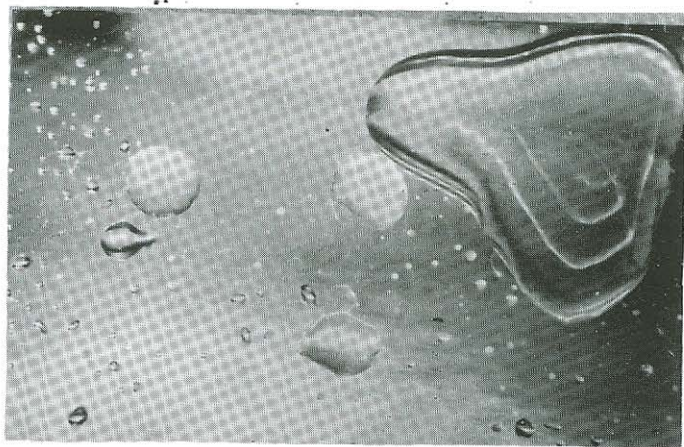
JOSÉ JOAQUIN LUNAZZI CAMPINAS

MOYSÉS BAUNSTEIN SÃO PAULO

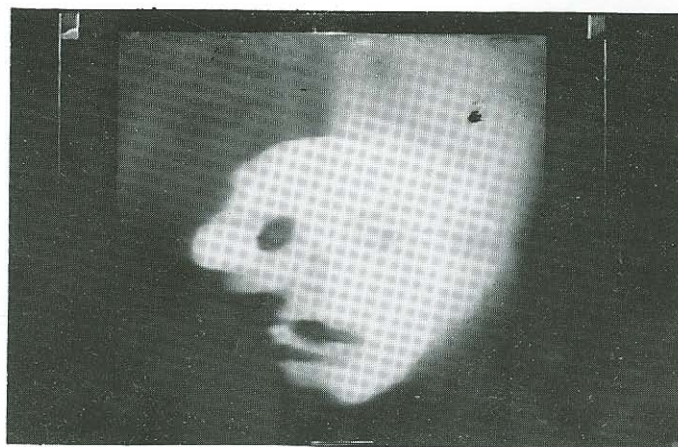
RACHEL REGINA DE MATOS GOBO CAMPINAS

SILVIA BASÍLIO DE MATOS CAMPINAS

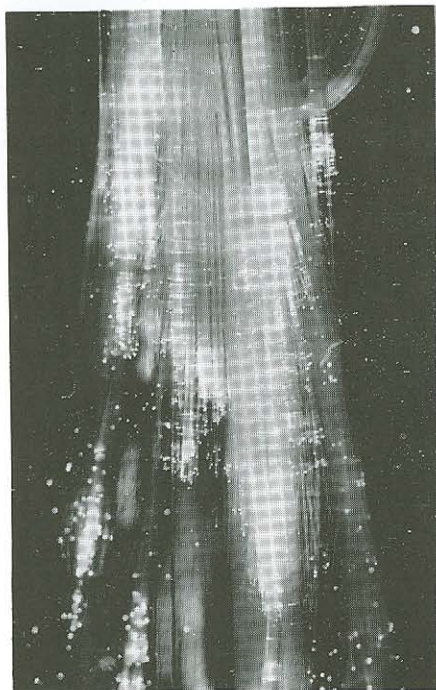




JOSÉ JOAQUIM LUNAZZI
 "Epaço II - Arte Espectral Fotográfica"
 Escultura em Água + Holograma +
 Fotografia



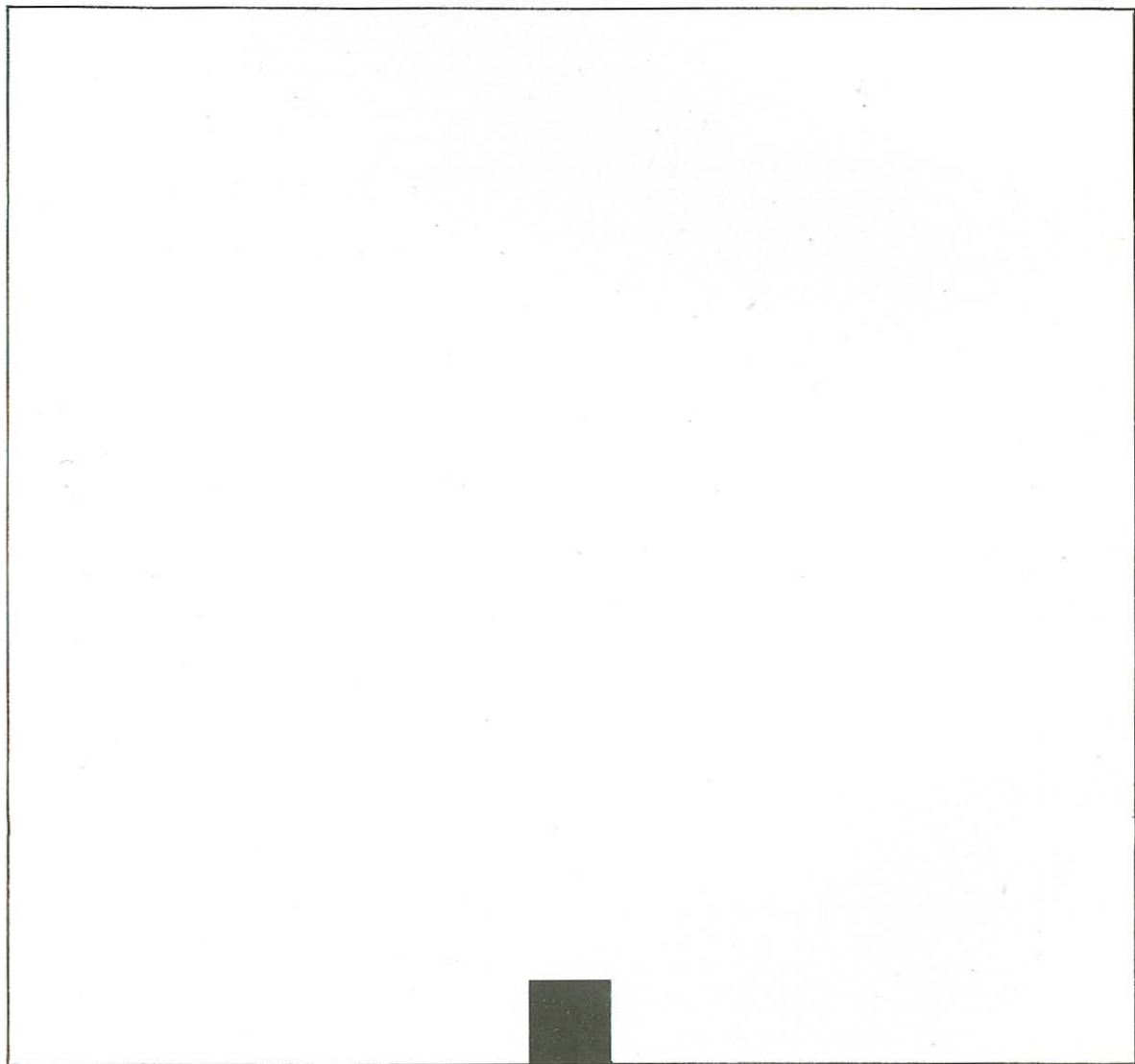
MOYSÉS BAUNSTEIN
 "Metamorfose"
 holograma




 SILVIA BASÍLIO DE MATOS
 "Narciso"
 Ferro/Fibra ótica/espelho




 RACHEL REGINA DE MATOS GOBO
 e JOSÉ JOAQUIN LUNAZZI
 "Visão e Cegueira"
 Escultura e holografia



(A QUESTÃO DA CONTEMPORANEIDADE)



ontemporaneamente (ao mesmo tempo), assistimos a uma contemporização com a expressão "Arte Contemporânea", muito usada pelo circuito da arte, e que parece que oculta uma contradição não antagônica entre "historicismo" e "historicidade", contradição esta, que causa entre outros elementos, a crise entre as formas da história e as do presente, isto é, entre as diversas práticas artísticas no mundo de hoje.

É no aproveitamento dessa contradição e na prática historicista, que se incorpora o termo "contemporâneo", para simular historicidade.

Neste contexto, quando o alto capitalismo fatura as formas culturais de todos os tempos e as torna "contemporâneas", está atuando ao nível do historicismo, isto é, reciclando as formas da história e pré-história como um processo de reatualização de novidades, anunciando, ao mesmo tempo, um projeto econômico-ideológico-hegemônico esvaziado de cultura e produtor de catarses. Isto, porque a "cultura é da ordem da luta e não da ordem da coleção". Evidentemente que quando W. Benjamin expressou esta idéia, ele estava pensando os processos do capitalismo a contrapelo. O pré-histórico é utópico.

Pretende-se não negar com isto a influência profunda que os produtos da super estrutura e da infraestrutura tiveram e tem sobre a arte.

De fato, é sabido que a arte se contamina das outras atividades humanas: ideologia, economia, ciência, tecnologia, e psicologia. . . que incidem sobre a produção artística.

Pois bem, nunca tínhamos assistido a uma influência tão forte dessas áreas de poder sobre esta produção, a tal ponto que nada se faz sem o tal de "apoio cultural".

Por outro lado, a retórica verbal de certos segmentos do sistema da arte sobre este tema da "Arte Contemporânea", e que atuam ao nível do historicismo, explicitam a impossibilidade de um projeto estético na arte.

Como bons aristotélicos, ao invés de poiesis eles querem catarse e o espetáculo Matisse-Sistema.

É sabido como as artes na modernidade se "revolucionaram", rompendo com tudo. Hoje, elas se manifestam em dispersão anodina, isto porque sua comunicação social só é

transcendente quando se ampara nos poderosos meios de informação como melhor mecenas que as transcendem em vertiginosa evolução efêmera.

O que realmente acontece é que há um deslizamento das super estruturas e das infraestruturas produtivas: da produção à recepção, de tal forma, que hoje a vanguarda (como dominante do sistema da arte), encontra-se no público e nos sistemas mass-mediáticos e sobretudo na sociedade de serviços inerente: publicidade, moda, mídia, informática. tecnologias, centros culturais e mercados que substituem a mais valia estética pela mais valia econômica e psicológica.

Se nos idos da modernidade, o termo “vanguarda”, designava a dominância da produção estética através da categoria do “choque” que “desautomatizava” a percepção do espectador, hoje a vanguarda evidentemente está no público, isto é, na recepção como elemento dominante do sistema.

Do choque ao “Chic”, do estranhamento ao reconhecimento, a arte tornou-se uma questão de hábito “famillionário” para usar a feliz expressão de Freud.

De fato, hoje a vanguarda não está mais na arte, nem a arte está na “arte” mas nas estruturas que aluga para se promover como conteúdo e assim, atingir o seu público.

Estas estruturas “simulam” artisticidade, incorporam todos os procedimentos das vanguardas históricas e produzem imagens que visam a catarse e não a poiesis. É exatamente a diluição operada pela projeção da quantidade sobre a qualidade, que permite a Baudrillard falar na impossibilidade de estabelecer um juízo de valor estético na contemporaneidade e conseqüentemente, a obra de arte “morre” como tal, ao tornar-se mera “commodity”.

O problema hoje, não é o que fazer, nem o como fazer, mas onde fazer, isto é, o problema da desterritorialização da arte.

Mas não é a toa que todo processo em arte cria contradições não anagônicas (que o maniqueísmo brasileiro torna antagônicas).

São precisamente os processos infra-estruturais (tecnologias) e os superestruturais (linguagens), que possibilitam as novas formas de arte.

As Imagens da Terceira Geração

Assim como a fotografia produziu profundo impacto nas iconografias do século XIX, na extrema contemporaneidade, assistimos a uma transformação profunda e radical na produção de imagens. Isto se deve à mudança de sistemas produtivos, não mais à dominância de sistemas artesanais ou mecânicos, mas de sistemas eletrônicos que transmutam as formas de criação, geração, transmissão, conservação e percepção de imagens.

De fato, as imagens eletrônicas se nos apresentam como um fenômeno novo que exige um modo de percepção não mais ótico-visual, mas conceitual, isto porque estas imagens são feitas por processos de tradução de linguagens digitais.

Depois das imagens tradicionais: pintura, desenho, etc. e das imagens fotoquímicas (foto e cinema), surgem as imagens de "terceira geração", notadamente de base eletrônica e holográfica, que provocam uma influência de difícil avaliação sobre as formas culturais tradicionais.

Estas imagens possuem caracteres tecnológicos que renovam a criação audio visual, reformulam a nossa visão de mundo, criam novas formas de imaginários e também de discursos icônicos.

Estamos no universo pós-fotográfico.

Os artistas e o Salão: Poéticas

No meu setor de curadoria, procurei convidar artistas que trabalham no nosso meio com as Novas Tecnologias da Comunicação.

Cada um deles realiza um trabalho que se inscreve na nossa contemporaneidade num sentido positivo como quer John Cage, quando ele diz: "Não é preciso renunciar ao passado ao entrar no porvir, ao mudar as coisas não é necessário perdê-las".

O que os artistas procuram extrair dos Novos meios é em primeiro lugar o potencial icônico embutido neles, de tal forma a transformá-lo em presença da imagem.

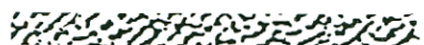
Poéticas: videografia interativa, arte e telemática, arte por computador e instalação multimídia.

Trata-se de reciclar o mito da criação, desta vez com as tecnologias e suportes disponíveis no ambiente. Isto, porque tudo pode ser suporte da arte e as formas criativas são plurais.

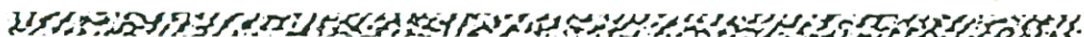
JULIO PLAZA

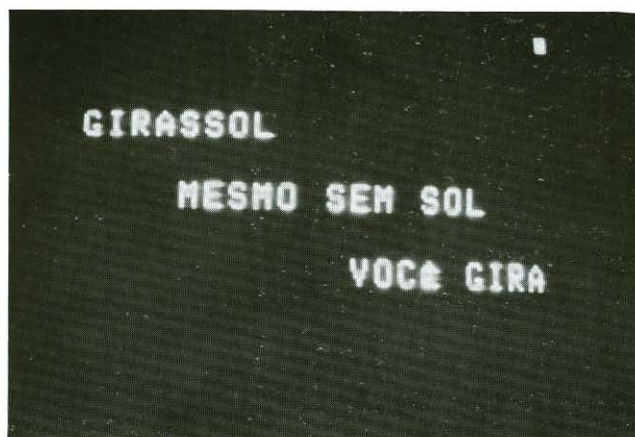


ARTISTAS CONVIDADOS



ALICE RUIZ SÃO PAULO
ARTUR MATUCK SÃO PAULO
AUGUSTO DE CAMPOS SÃO PAULO
CARLOS FADON VICENTE SÃO PAULO
CARMELA GROSS SÃO PAULO
ELIZABETH BENTO SÃO PAULO
FABIO MOREIRA LEITE SÃO PAULO
JÚLIO PLAZA SÃO PAULO
LAURA MARTIRANI e SERGIO CROCHIK SÃO PAULO
LENORA DE BARROS SÃO PAULO
MÁRIO RAMIRO SÃO PAULO
MAURO VALENTE SÃO PAULO
M. J. PALO SÃO PAULO
MILTON SOGABE SÃO PAULO
M. L. SANTAELLA SÃO PAULO
MÔNICA COSTA SÃO PAULO
NINA MORAES SÃO PAULO
OMAR KHOURI SÃO PAULO
PAULO LAURENTIZ SÃO PAULO
PAULO LEMINSKI SÃO PAULO
PAULO MIRANDA SÃO PAULO
REJANE CAETANO SÃO PAULO
RORIAN GUIMARÃES SÃO PAULO
WAGNER GARCIA SÃO PAULO

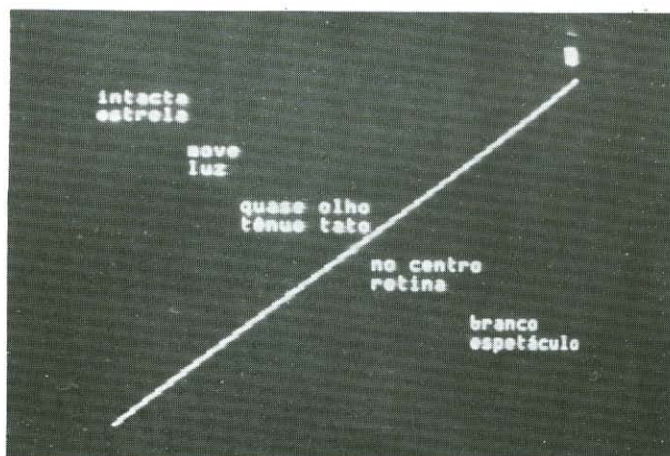




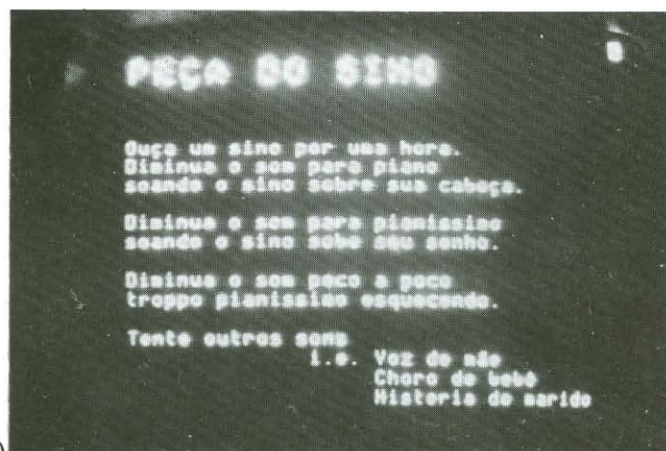
 ALICE RUIZ
videotexto



 JÚLIO PLAZA
"Adora a Roda"
videotexto



LENORA DE BARROS
videotexto



MÔNICA COSTA
(Tradução da "Peça do Sino" de Yokoono)
videotexto



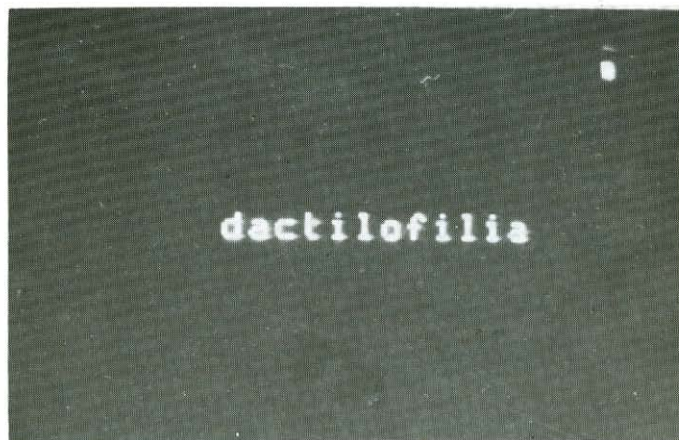
 M. L. SANTAELLA
videotexto



 PAULO LEMINSKI
videotexto



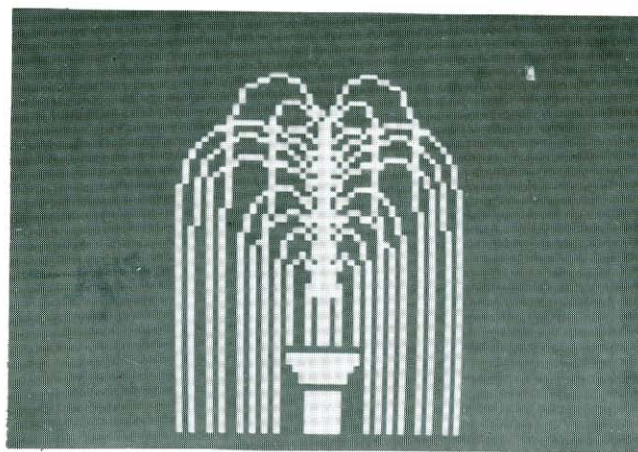
NINA MORAES
videotexto



OMAR KHOURI
videotexto



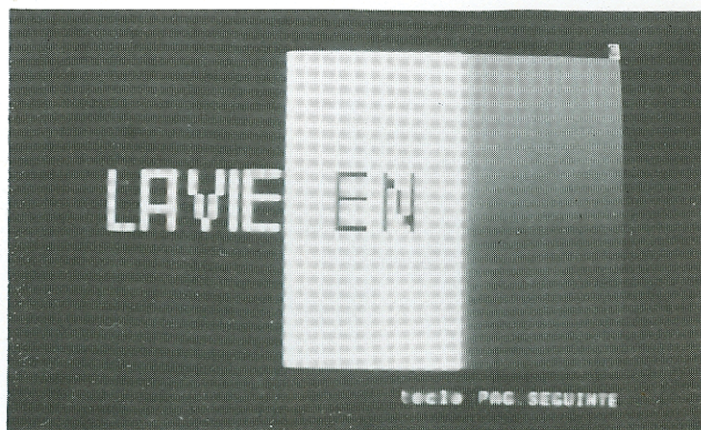

M. J. PALO
 videotexto




CARMELA GROSS
 videotexto



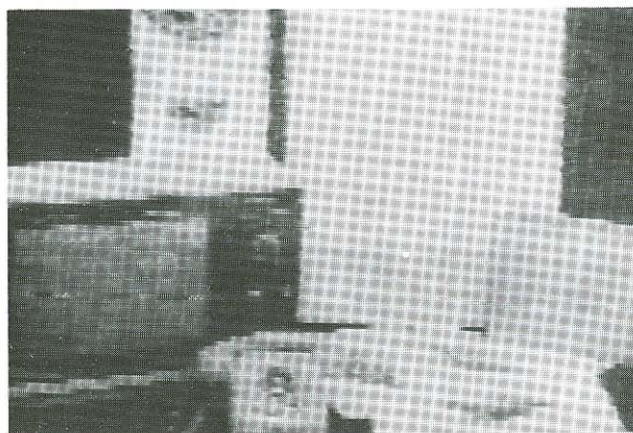
AUGUSTO DE CAMPOS
videotexto



PAULO MIRANDA
videotexto



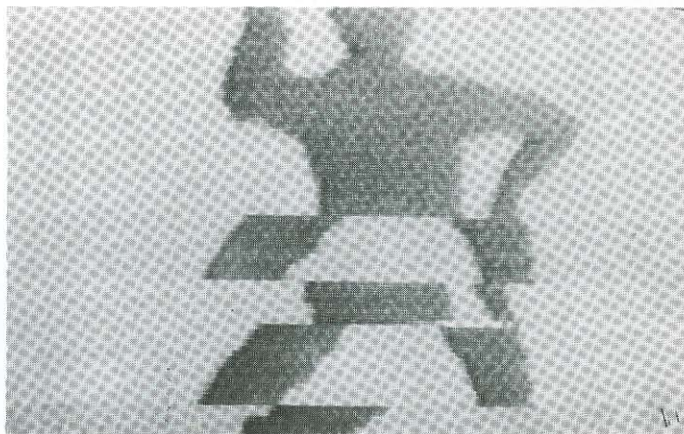
ARTUR MATUCK
 "Ciclória"
 Referência - Trabalho Slow Scan
 telecomunicação



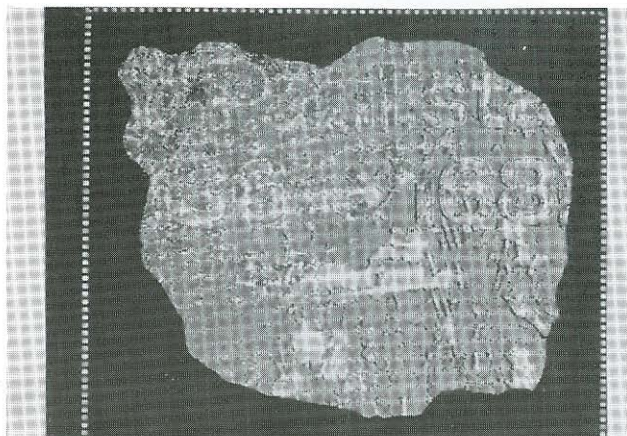
MILTON SOGABE
 "Imagem Cigana"
 Referência - Trabalho Slow Scan
 telecomunicação



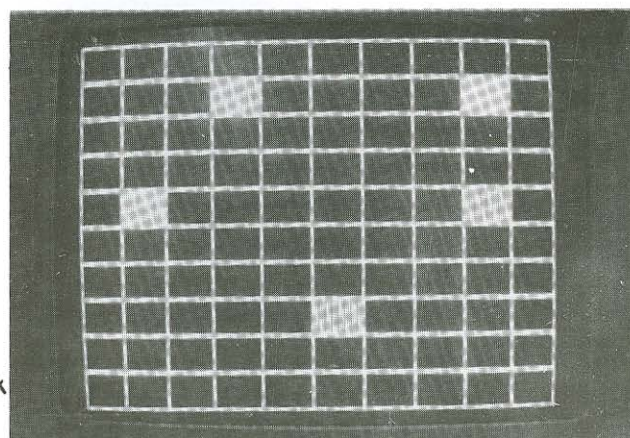
 PAULO LAURENTIZ
 "A Sagra Ação da Prima Vera"
 Referência - Trabalho Slow Scan
 telecomunicação



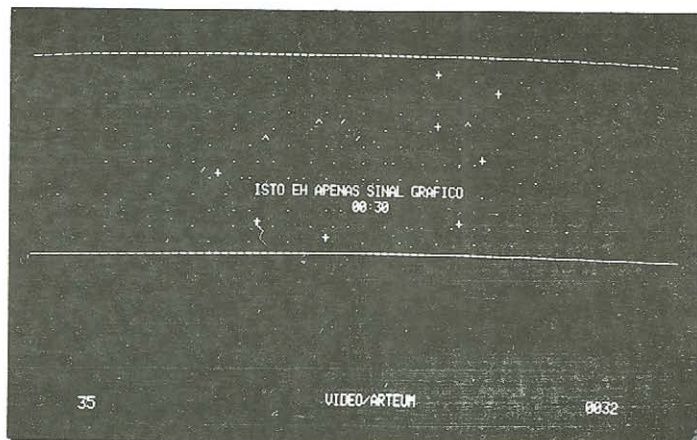
 REJANE CAETANO
 "Brake"
 Referência - Trabalho Slow Scan
 telecomunicação



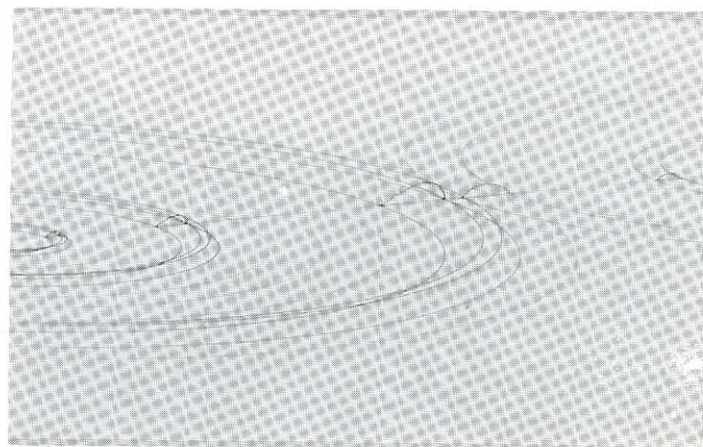

 CARLOS FADON VICENTE
 "Série Passagem"
 Imagem por computação gráfica



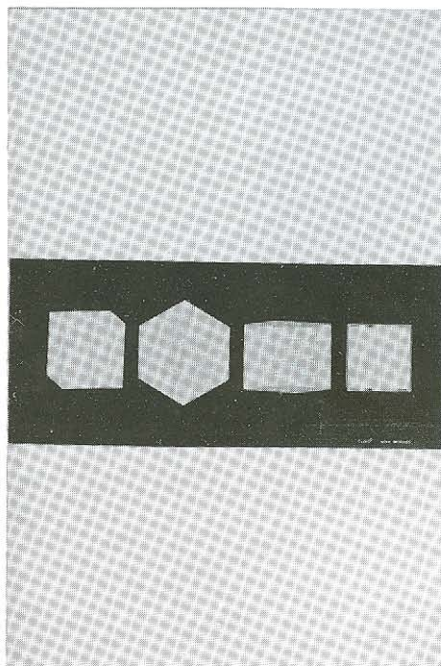

 LAURA MARTIRANI e SÉRGIO CROCHIK
 "Loto Poética"
 Seleção aleatória de frases
 através de frequências sonoras



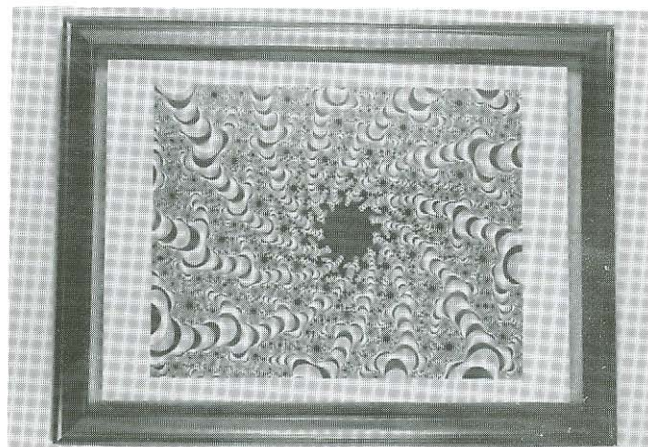
MAURO VALENTE
 "Video - Arteum"
 gerado através de um programa
 para microcomputador (PCXT)



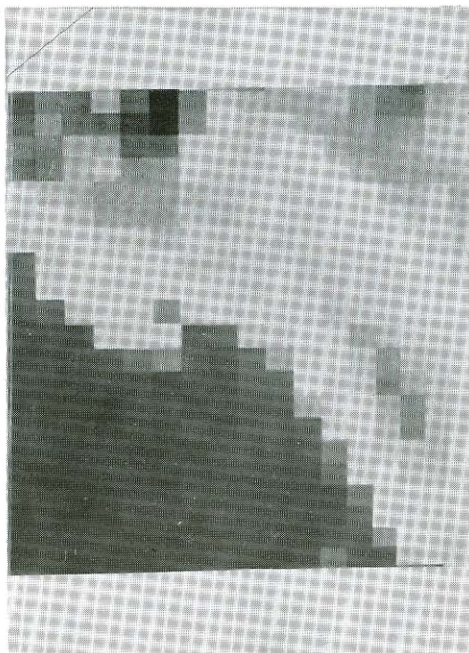
MÁRIO RAMIRO
 "Onda Zero"
 arte por computador



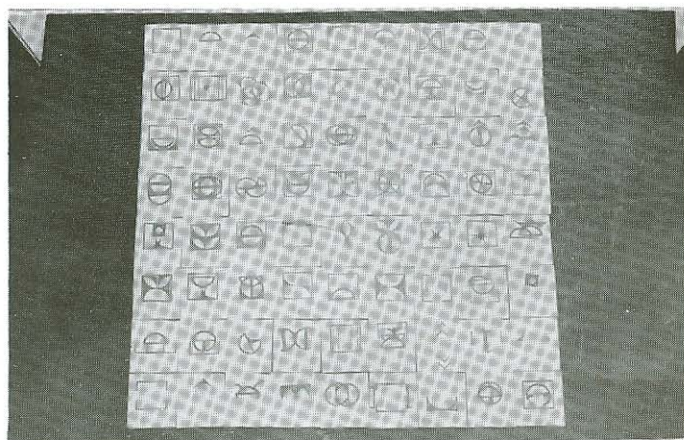

 NINA MORAES
 "Desilusão de Ótica"
 arte por computador



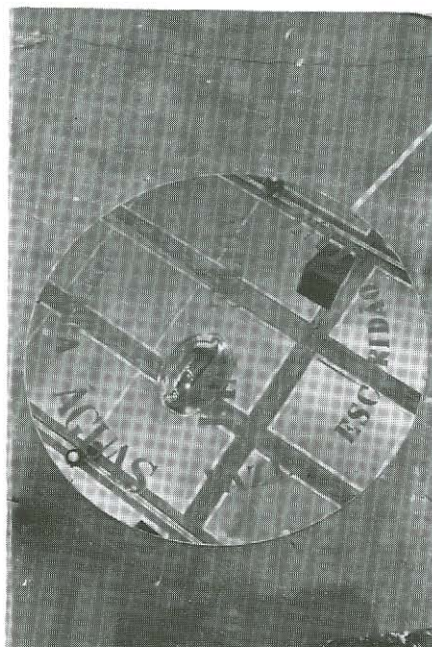

 RORIAN GUIMARÃES
 "Genesis"
 arte por computador




WAGNER GARCIA
 "Pollock - Gesto"
 Imagem processada pelo
 Satélite LAND SAD 5 apoio do INPE




FÁBIO MOREIRA LEITE
 "Léxico gráfico para a base 72"
 carimbo



ELIZABETH BENTO
"REFLEXOM" Instalação
Assessoria/Projeto - Marcia Maria Benevento
Fioravante Mancini Filho
Sintetizador - Conrado Silva

FICHA TÉCNICA



■ **Museu de Arte Contemporânea "José Pancetti"**

Rua Benjamin Constant, 1633 - tel. 310555 - Ramal 346
Cep 13100 - Campinas - SP

■ **13º Salão de Arte Contemporânea de Campinas :**

■ **Curadoria**

Alberto Beuttenmüller
José Joaquin Lunazzi
Júlio Plaza
Marcos Rizolli
Paulo de Tarso Cheida Sans

■ **Curadoria Geral**

Clélia Berenice Corrêa Pimentel

■ **Assessor especial para o 13º SACC**

Clodomiro Lucas

■ **Equipe de Produção**

Fernando de Bittencourt
Iracema Salgado Machado de Campos

■ **Equipe Administrativa**

Maria de Lourdes Velasco Boteon
Vera Lúcia de Oliveira

■ **Equipe de Manutenção**

Adelina Carazollo
Adelino de Souza

■ **Montagem**

Francisco de Oliveira Menalli
Lúcio dos Santos

■ **Fotografia**

Renato L. Testa

■ **Logotipo 13º Salão**

Irineu Felipe

■ **Capa**
H + P

■ **Projeto Gráfico**
Paulo de Tarso + Heloisa Moretzsohn
31-8343

■ **Impressão**
IMA

■ **Apoio Cultural**
Centro Tecnológico para Informática - CTI/MCT

■ **Apoio Técnico**
Telecomunicações de São Paulo S/A - TELESP
Sharp S/A Equipamentos eletrônicos
Xerox do Brasil
Scopus Tecnologia S/A
Colortel S/A

■ **Agradecimento**
O Museu de Arte Contemporânea de Campinas "José Pancetti" agradece a inestimável colaboração das empresas e entidades :
ABC XTAL Componentes e Materiais Eletrônicos S.A.
Hotel Savoy - Campinas.
Varig - Viação Aérea Rio Grandense S/A.
"Reunidas" - Centro Comercial Ltda.
Champion Papel e Celulose Ltda.
Rigesa Celulose, Papel e Embalagens Ltda.
Movesa S/A.
Unicamp - Centro de Comunicações.
USP - Departamento de Artes Plásticas
MIS - Campinas
Alumaq
Magazine Mônaco
Adega Santo Antonio
Secretaria de Obras e Serviços Públicos (Departamento de Parques e Jardins, Oficina de Serralheria e Oficina de Manutenção Elétrica da Coar)
Colecionador: Gilberto Chateaubriand

